

OXIGÊNIO

SETEMBRO 2025

o

NÚMERO 73



MARIA
BONOMI,
A ARTE
DE AMAR,
A ARTE
DE RESISTIR

EDITORIAL

A VERDADE DE MARIA BONOMI EM 250 OBRAS

É literalmente impossível não se emocionar diante da régia mostra que comemora os 90 anos de idade e praticamente 80 anos de arte bem vividos. No Paço Imperial, no Rio de Janeiro, 250 obras de uma das maiores artistas visuais do país e nossa mais importante gravurista contam uma história marcada pelo talento, pelo trabalho incessante e, sobretudo, pela verdade.

Atravessou os anos de chumbo sem ceder um milímetro, desafiou as rédeas da ditadura e, com sua arte e coragem, enfrentou, com beleza e energia, todo tipo de ameaça ou preconceito.

Pelos belos espaços do Paço Imperial, encontram-se a poética e os saberes de uma artista que trabalha e cria sem parar: duas novas esculturas recém-terminadas, chegaram às vésperas da inauguração para completar o jogo da verdade de sua arte viva e pulsante: verdades objetivas, políticas, verdades sobre amor, sexualidade e liberdade de ser, viver e realizar. Brindemos, pois, às verdades de Maria Bonomi, materializadas em obras que nos convidam à beleza, à ação e à liberdade acima de tudo.

Boa leitura!

Capa: Maria Bonomi, *Balada do Terror*, xilografia, 1970 – Foto: Divulgação

Jornalista Responsável: Vera Matagreira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Maurette Brandt

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

- TEATRO:** A trajetória de Olga Prestes no Teatro Vianinha – Armazém da Utopia, RJ | Musical *Infância*, inspirado na obra homônima de Graciliano Ramos, reestrea no Teatro Ágora, SP | Orquestra Ouro Preto apresenta *Hilda Fuacão, a Ópera* em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba e Boa Vista | *Vou fazer de mim um mundo*, espetáculo solo de Zezé Motta, no CCBB RJ | Musical *Ney Matogrosso – Homem com H*
- 04
- 12 **EVENTO:** *Festival Acessa BH 2025*
- 16 **MATÉRIA DE CAPA:** *Maria Bonomi, a arte de amar, a arte de resistir*
- 23 *Além da Pintura*, de Carlos Vergara, na Galeria Patricia Costa, no Rio de Janeiro
- 26 *Brasil de susto e sonho: um panorama da obra de Rivane Neuenschwander*, no Itaú Cultural, SP
- 31 Wilma Martins e Gabriella Marinho na Galatea, SP
- 36 *Terras Crescidas*, de Uýra, na Aura, SP
- 39 *Três Casas*, de Nuno Ramos, inaugura nova sede do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS)
- 43 *O Início do Mundo*, na Pinakothke Cultural Rio de Janeiro
- 49 *Urihi mãiriprai – Sonhar a terra-floresta*, de Joseca Yanomami, na Almeida & Dale, SP
- 52 *Antes, Porvir*, de Maria Andrade, na OÁ Galeria, ES
- 55 *Manobras Contemporâneas*, na a.thebaldigaleria, Rio de Janeiro
- 58 *Histórias da Ecologia*, no MASP
- 62 Ivan Grilo e Fernando Velázquez na Zipper Galeria, SP
- 66 *Cem Anos de Waldemar Cordeiro* na Luciana Brito Galeria, SP
- 69 *Àkùko, Eiyéle e Ekodidé – Uma revoada de Alberto Pitta*
- 73 Três exposições movimentam a Galeria Almeida & Dale, SP, nos meses de setembro e outubro
- 78 ArtRio 2025 – Museu a Céu Aberto – Parada 7
- 81 **DIRETO DE LONDRES:** *The Genesis Exhibition: Do Ho Suh: Walk the House*, na Tate Modern
- OXIGENE:** Paulo Herkenhoff e Ailton Krenak – duas novas mostras no Itaú Cultural | Edição compilada sobre a vida e obra de Van Gogh | IV Festival SP Choro In Jazz no Theatro Municipal de São Paulo | *Porgy and Bess*, de George Gershwin | *Downton Abbey: O Grande Final* chega aos cinemas dia 11 | Realidade Virtual e Arte Rupestre em experiência inédita no Rio de Janeiro | Festival Visões Periféricas – Inscrições abertas | Centro Cultural Correios RJ – Quatro Novas Exposições | Samba Arte Contemporânea, RJ – Mostra Coletiva – 16 artistas
- 86



Foto: Thiago Gouveia

A trajetória de Olga Prestes no Teatro Vianinha – Armazém da Utopia, RJ

Com direção de Luiz Fernando Lobo, a Companhia Ensaio Aberto apresenta “Olga”, espetáculo que conta a história da militante Olga Benário Prestes, extraditada por Getúlio Vargas, grávida de Luiz Carlos Prestes.

A peça, que tem Tuca Moraes como protagonista, fica em cartaz até 29 de setembro

“Um encontro secreto está marcado entre as gerações passadas e a nossa”. A frase de Walter Benjamin é uma provocação para o público assistir à montagem de “Olga”, no Teatro Vianinha, na Região Portuária do Rio de Janeiro.

A dramaturgia de Luiz Fernando Lobo foi concebida a partir de ampla pesquisa em arquivos brasileiros,

européus e americanos, em registros primários. “Os documentos, mesmo os aparentemente mais claros, não falam senão quando sabemos interrogá-los”, diz o historiador Marc Bloch. E complementa: “Nunca, em nenhuma ciência, a observação passiva gerou algo de fecundo. Olga é um exemplar da tradição do Teatro Documentário, que tem em Piscator e Peter Weiss seus precursores. A encenação

realiza uma nova abertura dos fatos ao apontar as contradições e camuflagens produzidas pela história oficial”.

Nascida em Munique, em 1908, Olga Benário Prestes militou no movimento comunista desde a adolescência. Foi treinada como agente do Comintern (Internacional Comunista) em Moscou e, em missão política, veio ao Brasil nos anos 1930 com Luiz Carlos Prestes. Foi presa em 1936 e deportada com 7 meses de gravidez para a Alemanha de Hitler, por ordem de Getúlio Vargas, colaborador da polícia nazista. Foi assassinada em 1942 numa câmara de gás do campo de concentração de Bernburg. Sua filha, Anita Leocádia Prestes, sobreviveu graças a uma mobilização internacional, liderada por sua sogra Maria Leocádia Prestes – Sou filha da solidariedade internacional – diz Anita.

Olga, assim como outros militantes, foi expulsa do país sem nenhum processo legal, violando não apenas os princípios do direito internacional, mas também os limites da barbárie. Os torturadores de 1935, 1936 e 1937 nunca foram punidos. Para os torturados, para os presos, para os deportados, para os mortos, só a rememoração dessas derrotas pode reabilitá-los diante da história e evitar, como diz Benjamin, *“a segunda morte das vítimas do passado”*, diz Lobo.

Comunista, judia, internacionalista e antifascista, Olga começou a militar com 16 anos. Era uma mulher de grande coragem e inteligência. Aviadora, paraquedista, exímia atiradora, exímia nadadora, amazona. Com 18 anos, entra na clandestinidade por realizar uma ação armada para libertar seu companheiro e mentor político, Otto Braun, de um presídio de segurança máxima. Vem para o Brasil como segurança de Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança. Em 5 de março de 1936, quando a polícia “estoura” o esconderijo dos dois, já casados, no Méier, ela se coloca na frente do marido e o salva de ser morto pela polícia de Getúlio Vargas. Olga foi assassinada, mas sua luta continua até os dias de hoje.

“Olga” inicia as comemorações de 15 anos da ocupação do Armazém da Utopia (que acontece no segundo semestre de 2025) com a triste curiosidade de que foi deste porto do Rio de Janeiro que Olga Benário Prestes foi deportada no navio La Coruña para a Alemanha.

SERVIÇO

Olga

Até 29 de setembro

Teatro Vianinha – Armazém da Utopia

Avenida Rodrigues Alves, s/n Armazém 6, Santo Cristo, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: sextas, sábados, domingos e segundas, às 20h – Abertura da casa 1h antes do início do espetáculo, com cota de ingressos liberados no dia

Ingressos: Inteira – R\$ 60,00; Meia – R\$ 30,00

www.sympla.com.br/armazemdautoipia

Classificação indicativa: 14 anos | Duração: 70 minutos

Para agendamento de grupos (escolas, projetos sociais, associações etc.) entre em contato por meio do WhatsApp: (21) 98909-2400



Foto: Thiago Gouveia

Musical INFÂNCIA, inspirado na obra homônima de Graciliano Ramos, reestreia no Teatro Ágora, SP



Foto: João Maria

Motivados pelas paisagens e locais do romance do autor alagoano, os artistas Ney Piacentini e Alexandre Rosa viajaram até as ruas de Quebrângulo, Viçosa, Palmeira dos Índios (AL) e Buíque (PE) para criar o espetáculo

Foto: João Maria



Indicado ao Prêmio Shell na categoria de melhor música em 2023, *“Infância”* nasceu a partir do encantamento de Ney Piacentini e Alexandre Rosa com a obra homônima de Graciliano Ramos. Decididos a conhecer os lugares citados pelo autor alagoano, em 2021, foram para o sertão de Pernambuco e Alagoas, onde visitaram os lugares descritos no livro. *Uma experiência muito sensorial e sinestésica* – afirma Piacentini.

Contagiados pelas sensações despeertadas por essa empreitada, os artistas criaram uma transposição cênica e musical da obra. Ney assumiu a adaptação do texto, enfatizando a ausência de afeto no convívio familiar, a precariedade do ambiente escolar e as dificuldades enfrentadas por Ramos em seu processo de letramento. Já Alexandre recorreu às sonoridades de

Villa-Lobos, Francisco Mignone e Almeida Prado para compor a trilha da peça.

SOBRE A ENCENAÇÃO

O ator Ney Piacentini afirma que *“o espetáculo não existiria sem a fusão da música e da palavra, que têm o mesmo peso na encenação”*. Para isso, o multi-instrumentista Alexandre Rosa integrou sons de contrabaixo, viola caipira e violão. A paisagem sonora é enriquecida ainda por dois instrumentos indianos – o harmonium e o shruti box – que, segundo Piacentini, enriquecem a dramaturgia da montagem e se unem à literatura humanizadora de Graciliano Ramos.

Rosa revela que cada instrumento tem um papel específico e está ligado a um personagem: o violão representa o pai, a viola caipira a mãe, o violino a irmã mais nova e o contrabaixo a irmã mais velha. Os instrumentos indianos, usados em rituais e meditações, surgem em cena quando o protagonista fala sobre livros e a escola, adicionando uma camada extra de significado à narrativa.

As apresentações são sempre seguidas de uma conversa sobre o universo de Graciliano Ramos e o seu papel na história e na literatura brasileiras. Além disso, os artistas compartilham parte do seu processo criativo. *“Queremos estimular a leitura e a formação de público na conjugação entre literatura, teatro e música”*, afirmam.

SERVIÇO

Infância

Até 5 de outubro*

* Não haverá apresentações nos dias 30 e 31 de setembro

Ágora Teatro

Rua Rui Barbosa, 664, Bela Vista, São Paulo / SP

Dias/Horários: sábados, às 20h; domingos, às 19h

Ingressos: R\$ 100 (inteira) e R\$ 50 (meia-entrada)

Duração: 60 minutos | *Indicação:* Livre

Capacidade: 50 Lugares | *Acessibilidade:* teatro possui acessibilidade para deficientes e pessoas com mobilidade reduzida



Foto: Rapha Garcia

Orquestra Ouro Preto apresenta “HILDA FURACÃO, A ÓPERA” em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba e Boa Vista

“*Hilda Furacão*”, romance de Roberto Drummond, imortalizado na minissérie dos anos 1990, segue conquistando público e fazendo história nos palcos brasileiros. Após apresentações com ingressos esgotados em São Paulo, a versão operística da Orquestra Ouro Preto segue para as capitais de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Roraima. A música é de Tim Rescala, a direção cênica de Julliano Mendes e a regência do maestro Rodrigo Toffolo.

Com libreto em português e dividida em dois atos, a ópera celebra a riqueza da cultura brasileira e mergulha nos dilemas éticos, sociais e religiosos de um tempo marcado por contradições. Na partitura original, Tim Rescala incorporou elementos do universo musical popular da época retratada no romance – músicas brasileiras, boleros e sucessos radiofônicos – ao discurso operístico tradicional, criando uma obra híbrida entre a ópera e o musical.

A protagonista é vivida pela mezzo-soprano Carla Rizzi, que retorna à cena com a Orquestra Ouro Preto após sua atuação em *Auto da Compadecida, a Ópera*. Ao seu lado, o tenor Anibal Mancini interpreta Frei Malthus, trazendo ao palco a intensidade do conflito entre desejo e fé. Completam o elenco de solistas Marília Vargas (Loló Ventura), Marcelo Coutinho (Nelson Sarmiento), Johnny França (Aramel) e Fernando Portari, que assume o papel de narrador e do próprio autor, Roberto Drummond. A montagem conta ainda com a participação de um coro com 16 vozes.

O romance do escritor mineiro conta a história de Hilda, uma jovem bela e rebelde que rompe com as expectativas ao abandonar sua vida de prestígio e refugiar-se na zona boêmia da capital mineira. Sua jornada se entrelaça com a de Frei Malthus, um jovem religioso determinado a transformar a vida dos habitantes da região. Esse encontro provoca uma série de conflitos éticos e sociais, entre desejo e dever, liberdade e moralidade. Uma narrativa que encontra na ópera a linguagem perfeita para seu desenvolvimento dramático e consolida o caminho para a criação de um repertório operístico brasileiro, acessível, contemporâneo e enraizado na identidade cultural do país.

SERVIÇO

“Hilda Furacão, A Ópera” – Turnê 2025

Classificação indicativa: 12 anos

Belo Horizonte

Dias 18 e 19 de setembro, às 20h

Palácio das Artes

Av. Afonso Pena, 1537, Belo Horizonte / MG

Ingressos: À venda na bilheteria do teatro e no site

<https://www.eventim.com.br/>

Rio de Janeiro

Dias 27 e 28 de setembro, às 20h e 18h, respectivamente

Cidade das Artes

Av. das Américas, 5300, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

Ingressos: À venda na bilheteria do teatro e no site

<https://www.sympla.com.br/>

Curitiba

Dias 22 e 23 de outubro, às 20h

Teatro Guaíra

R. XV de Novembro, 971, Centro, Curitiba / PR

Ingressos: À venda na bilheteria do teatro e no site

<https://www.diskingressos.com.br/>

Boa Vista

Dias 31 de outubro e 1º de novembro, às 20h

Teatro Municipal de Boa Vista

Av. Glaycon de Paiva, São Vicente, Boa Vista / RR

Ingressos: À venda no Teatro e na plataforma <https://shop-ingressos.com.br/>



*“Vou fazer
de mim
um mundo”*
Espetáculo solo
de Zezé Motta,
no CCBB RJ



Foto: Valentina Lassen

A peça, que fica em cartaz até 5 de outubro e comemora os 60 anos de carreira da atriz, é uma adaptação do primeiro livro de Maya Angelou, a primeira mulher negra a ser roteirista e diretora em Hollywood

Zezé Motta percorreu uma trajetória inspiradora em suas quase seis décadas de carreira. Gravou 14 discos, fez mais de 100 personagens na TV e no cinema. Já esteve nos mais importantes palcos do mundo, apresentou-se no Carnegie Hall de Nova York, no Olympia de Paris e na Venezuela, México, Chile, Argentina, Angola e Portugal. É uma das fundadoras do *Movimento Negro Unificado* (MNU), que vem denunciando corajosamente casos de racismo.

“*Vou fazer de mim um mundo*” é o primeiro monólogo da carreira de Zezé, uma das artistas mais aclamadas do país e que vem inspirando gerações de mulheres negras brasileiras, em sua luta por espaço. A temporada carioca da peça, que teve lotação esgotada em todas as apresentações nos CCBs de Brasília e de Belo Horizonte, vem confirmando os sucessos anteriores.

O espetáculo é uma adaptação do best-seller “*Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*”, da Dra. Maya Angelou, lançado em 1969. A montagem é uma realização do Ministério da Cultura e do Branco do Brasil, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, com dramaturgia e direção de Elissandro de Aquino.

A história, que se tornou um clássico, é a primeira das sete autobiografias que a autora publicou. Maya Angelou apresenta um tocante retrato da comunidade negra dos Estados Unidos, durante a segregação dos anos 1930-1940. A narrativa parece ecoar um grito silencioso desse pássaro aprisionado que a autora

vivenciou – e que a tornou ainda mais forte. *“O pássaro engaiolado canta com um trinado amedrontado sobre coisas desconhecidas, mas ainda desejadas...”* – diz Maya Angelou, que foi múltipla: poeta, escritora, professora, roteirista, cantora, tradutora, atriz, militante... Conviveu com o pastor Martin Luther King Jr., Malcolm X e James Baldwin, entre outros personagens fundamentais do seu tempo – e se tornou uma das personalidades mais reverenciadas do século 20.

O cenário intimista assinado por Claudio Partes contém elementos como uma plantação de algodão, nuvens e um livro, do qual brotam as palavras recitadas por Zezé, em ritmos e cadências distintos. A iluminação de Aurélio de Simone cria uma atmosfera que pinça memórias e afetos, em diferentes dimensões temporais. O figurino de Margo Margot, em paletas amarelas e contextualizado no final da peça, remete também a Oxum, orixá da artista.

– *Partimos para um projeto bastante intimista* – ressalta o diretor Elissandro Aquino, que responde também pela adaptação da obra. – *É o cruzamento de duas realidades a princípio tão distantes e encontrar um elo entre as experiências humanas de autora e intérprete, como se não houvesse fronteiras* – destaca.

No mesmo sentido, a direção musical de Pedro Leal David, acompanhado em cena por Mila Moura, mescla a atmosfera dos anos 1930-40 no sul dos Estados Unidos com a música brasileira contemporânea, nascida em distintos pontos do país, que contempla Dorival Caymmi, Luiz Melodia, Luiz Gonzaga, Milton Nascimento, Johnny Alf, Clementina de Jesus e Seu Jorge.

– *É a confluência de dois rios: Maya Angelou e Zezé Motta, cujas carreiras foram atravessadas pela música. Por isso é natural que buscássemos pistas em antigas gravações e nos ritmos, sons e tons da diáspora africana, que foram abrindo caminho tanto nos blues do sul dos Estados Unidos quanto em muitas partes do Brasil.*

Em “Vou Fazer de Mim um Mundo”, Zezé Motta se aventura corajosamente num universo pouco habitual para seu temperamento solar: num clima mais lunar, o público verá uma Zezé mais introspectiva e política – e também dolorida, ao denunciar as mazelas sofridas por nossos antepassados, ressalta o diretor musical. – Ainda assim, a alegria envolve o espetáculo: alegria por aprender, geração após geração, que é preciso continuar – e ser a mudança! – declara.

SERVIÇO

Vou Fazer de Mim um Mundo

Até 5 de outubro

Centro Cultural Banco do Brasil – Teatro I

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3808-2020 / ccbbrio@bb.com.br

Informações sobre programação, acessibilidade, estacionamento e outros serviços: bb.com.br/cultura

Dias/Horários: sexta e sábado, às 19h; domingo às 18h

Ingressos: R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia-entrada), no site bb.com.br/cultura e na bilheteria do CCBB Rio de Janeiro

Classificação indicativa: 16 anos | *Duração:* 60 minutos

Acessibilidade em Libras em todas as sessões

Audiodescrição na sessão do dia 27/09, sábado

Bate-papo pós sessão do dia 13/09, sábado



Foto: Valentina Lassen

MUSICAL NEY MATOGROSSO – HOMEM COM H



Foto: Adriano Doria

Assistido por mais de 70 mil pessoas, musical que homenageia a trajetória de um dos artistas mais autênticos da cultura brasileira volta aos palcos no Teatro Porto, SP, a partir de 19 de setembro

Ney Matogrosso – Homem com H explora momentos e canções marcantes na trajetória do cantor sem seguir uma ordem cronológica. A história, protagonizada por Renan Mattos, começa em um show do Secos & Mo-

lhados, em plena ditadura militar, quando uma pessoa da plateia o xinga de “viado”. Essa cena se funde com momentos da infância e da adolescência do artista – e outros episódios marcantes vão se encadeando na

cena. O texto é de Emílio Boechat e Marília Toledo (vencedores do Prêmio Bibi Ferreira por este trabalho) e a direção é dividida com Fernanda Chamma.

Para contar essa história, Marília Toledo e Emilio Boechat mergulharam nas três biografias já publicadas sobre Ney Matogrosso, além de matérias jornalísticas, vídeos e relatos do próprio artista. *“Com a ajuda de Ney, tentamos ser fiéis aos fatos mais importantes de sua vida privada e profissional, mas com a liberdade lúdica que o teatro pede”*, revelam.

As canções do espetáculo também não seguem uma ordem cronológica e vão sendo encaixadas no contexto de cada cena, de modo que as letras acabam estabelecendo um diálogo interessante com a vida de Ney Matogrosso. A direção musical é assinada por Daniel Rocha. Maquiagens e trocas de figurinos são feitas na frente do público, brincando com as ideias de oculto e explícito o tempo todo.

Além da própria trajetória do artista, o musical propõe uma reflexão sobre a liberdade de ser quem se é. *“Ney combateu a ditadura não com palavras, mas com sua atitude cênica, entrando maquiado e praticamente nu no palco e na televisão, na época de maior censura que o país já viveu. As ambiguidades que ele sempre trouxe para o público foram pauta na década de 1970 e permanecem em pauta até hoje. E também sempre foi adepto do amor livre e deixou clara a sua bissexualidade desde o início”*, destaca Marília Toledo.

SERVIÇO

Ney Matogrosso – Homem com H

De 19 de setembro a 7 de dezembro

Teatro Porto

Al. Barão de Piracicaba, 740, Campos Elíseos, São Paulo / SP
Tel.: (11) 3366-8700

Dias/Horários: sextas e sábados às 20h; domingos às 17h

Duração do espetáculo: 3 h (com 15 minutos de intervalo)

Ingressos: Plateia R\$ 250,00; Balcão e Frisa R\$ 200,00;

Preço Popular*: R\$ 50,00

*Obs.: O ingresso *Preço Popular* é válido para todos os clientes e segue o plano de democratização da Lei Rouanet e está sujeito à cota estabelecida por Lei para este valor. O comprovante para compras ao valor de meia entrada é obrigatório e deverá ser apresentado na entrada do espetáculo.

Bilheteria: Aberta somente nos dias de espetáculo, duas horas antes da atração.

Vendas online: www.sympla.com.br/teatroporto

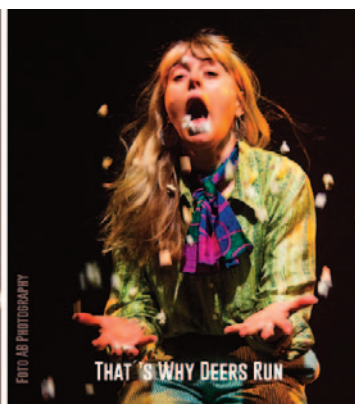


Foto: Adriano Doria



Foto: Adriano Doria

FESTIVAL ACESSA BH 2025



Espectáculos programados na 5ª edição do *Festival Acessa BH*

Entre 5 e 28 de setembro, evento celebra a pluralidade e o protagonismo da cultura DEF em espetáculos, filmes, shows e oficinas

Maior evento dedicado à produção artística de pessoas com deficiência no país, o *Festival Acessa BH* realiza sua 5ª edição de 5 a 28 de setembro, e reúne uma programação com mais de 30 atrações, entre espetáculos, filmes, videoclipes, oficinas, bate-papos e lançamento de livro. Com a participação de artistas de nove estados brasileiros e do Reino Unido, o festival reafirma a força, a criatividade e a pluralidade da produção cultural de pessoas com deficiência, colocando esses artistas

como protagonistas de uma cena artística inclusiva e engajada. A programação é gratuita e será realizada no Sesc Palladium, Palácio das Artes, Funarte MG e Centro Cultural Unimed-BH Minas.

A abertura do *Festival Acessa BH 2025* será no dia 5 de setembro, às 20h, no Sesc Palladium, com a apresentação de “*Monga*”, da atriz e diretora cearense Jéssica Teixeira – vencedora do 35º Prêmio Shell de melhor direção. Na montagem, Jéss-

sica faz da cena uma grande comunhão com o público, evocando a celebrada artista mexicana Julia Pastrana, conhecida como “Monga”, e discute a marginalização de corpos dissidentes e a exploração da imagem. Ao tensionar o que é visto como natural ou monstruoso, o espetáculo mistura terror psicológico e doses de humor, ressignificando memórias e afetos. No dia 7 de setembro, às 19h, também no Sesc Palladium, será lançado o livro com a dramaturgia da peça.

As mais de 30 atrações do Festival se dividem em 14 apresentações de teatro, dança, música e performance; quatro oficinas; cinco filmes (três curtas e dois longas), três videocliques, quatro bate-papos pós-espetáculos, uma roda de conversa e um lançamento de livro. *“Mais do que uma seleção de espetáculos, a curadoria propõe um campo de encontro e troca, onde diferentes modos de criação possam conviver e provocar o público a refletir, sentir e imaginar futuros possíveis. Um convite à escuta atenta e ao deslocamento do olhar, que valoriza tanto a expressão poética quanto o engajamento político da cena contemporânea”*, afirmam Daniel e Lais Vitral, coordenadores e curadores do festival.

Todos os locais do festival contam com acessibilidade física e disponibilizam cadeiras de rodas para empréstimo, além de permitir o trânsito e permanência de cães-guia devidamente identificados. A acessibilidade comunicacional também é prioridade: os filmes contam com legendas descritivas abertas, janelas de Libras e audiodescrição integrada, recurso que estará presente ao vivo durante os espetáculos. Além disso, haverá interpretação em Libras/Português durante as apresentações, oficinas e bate-papos, bem como a disponibilização de abafadores de ruído e pranchas de comunicação alternativa aumentativa. Na Funarte também será instalada uma sala de regulação sensorial.

O Acessa BH valoriza o protagonismo de artistas e profissionais com deficiência, contando com equipe especializada e consultores para garantir a inclusão em

todas as etapas. *“A Coordenação de Acessibilidade procura pensar esse quesito de forma integral, com a participação ativa da equipe de consultores, desde o planejamento do Festival. Esse trabalho conjunto inclui visitas técnicas aos espaços de apresentação, proposição de pautas e estratégias de comunicação, além de análise de diversos recursos de acessibilidade para cada atividade do evento. Para além do conhecimento teórico, as vivências com a equipe, artistas e público do Acessa sempre provocam novas reflexões”*, explica Anita Rezende, coordenadora de Acessibilidade do Acessa BH.

SERVIÇO

Festival Acessa BH 2025

5 a 28 de setembro

Abertura: dia 5 de setembro, às 20h, no Sesc Palladium (Grande Teatro, plateia reduzida), com o espetáculo “Monga”, de Jéssica Teixeira

Ingressos gratuitos, retirada de ingressos 1 hora antes de cada sessão, na bilheteria do Sesc Palladium, um par por pessoa.

Sesc Palladium

Rua Rio de Janeiro, 1046, Centro, Belo Horizonte / MG

Tel.: 31-3270-8100

Programação completa disponível em:

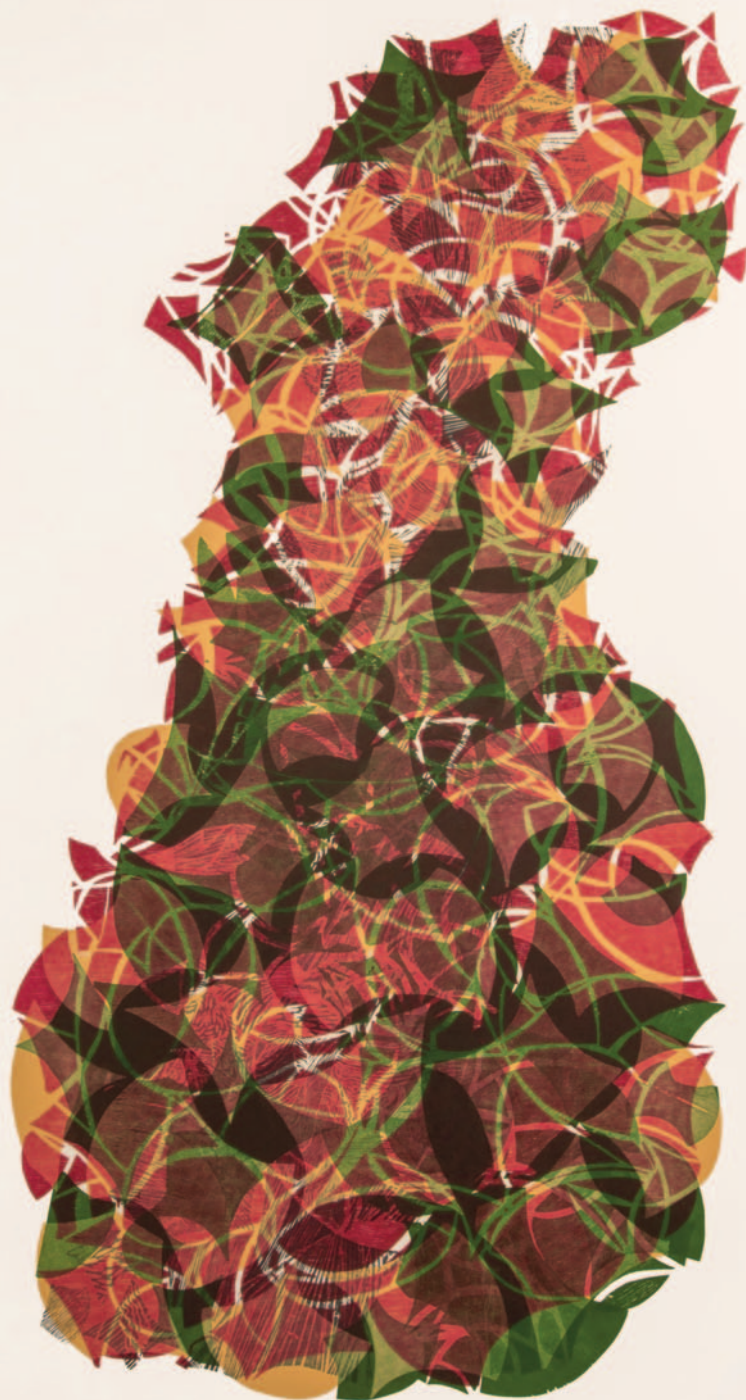
www.acessabh.com.br

Capa do livro *Monga*, de Jéssica Teixeira





MATÉRIA DE CAPA



ARTE COMO RESISTÊNCIA

ARTE COMO VERDADE

ARTE COMO DESAFIO

ARTE COMO PAIXÃO

ARTE COMO CORAGEM

ARTE COMO POLÍTICA

ARTE COMO POTÊNCIA

MARIA BONOMI,
A ARTE DE AMAR,
A ARTE DE RESISTIR

Tropicália, Xilografia, 1994

Foto: Divulgação

Exposição antológica de Maria Bonomi, em comemoração aos 90 anos da artista, acontece no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, de 6 de setembro a 16 de novembro. A exposição apresenta mais de 250 trabalhos – parte de uma produção plástica extensa, desenvolvida através de alegorias e metáforas que revelam um universo rico em acontecimentos políticos, vivências pessoais e manifestações artísticas

Com curadoria de Paulo Herkenhoff e Maria Helena Peres, a exposição ocupa todo o primeiro andar do espaço – e oferece ao público um retrospecto que compreende quase 80 anos de produção artística de Maria Bonomi e de suas relações com o universo cultural brasileiro e internacional.

Dos desenhos à arte pública, das xilogravuras às esculturas, dos cenários aos figurinos, a poética de Maria Bonomi se manifesta como um sistema vivo e pulsante, que se expande em cada detalhe de uma obra que se revela nos mais variados espectros de sua criação e de seus valores existenciais.

OLHAR O MUNDO, OLHAR DE DENTRO

Desde o simples gesto adolescente de moldar uma pomba para a capela do Palacete Martinelli, de seu avô materno, que estava em construção no Rio de Janeiro quando a família veio para o Brasil, em 1945, Maria Bonomi dedicou-se a travessias diversas; a bordo da xilogravura, sua experiência mais profunda, a artista expandiu sua criação pelos mais variados formatos e sob as mais diversas perspectivas.

Nos amplos e históricos ambientes do Paço Imperial, um conjunto de mais de 250 obras compõe a maior retrospectiva dessa artista sempre inquisitiva, questiona-

dora e atenta com as realidades do mundo, da alma e de uma poética inesgotável. Sem uma ordem propriamente cronológica, as onze salas da exposição percorrem a trajetória de Maria Bonomi e apresentam sua obra sob vários ângulos, tendências e focos distintos.



Pedra Robat, Xilografia, 1974

Foto: Reprodução / Site da artista

A partir de sua vivência entre mestres como Lívio Abramo – que lhe apresentou a goiva, a prensa, a matriz e as tintas, além da impressão manual com a colher de bambu – e o contato com a arte do mundo em grande perspectiva, Maria Bonomi desdobrou seu uni-



Sala 3 – Superquadrante “Amor inscrito”, alumínio fundido, 65 kg, 2009

Foto: Rômulo Fialdini

verso criativo sob a percepção de um mundo que precisava ser questionado e representado por uma arte viva, ebullente e cortante.

Sua inquietude aflorada diante das transformações, das ideias e das questões essenciais ao espírito humano, sempre foi um componente básico em seu processo criativo. A partir, sobretudo, de vivências em São Paulo, Nova York, Rio de Janeiro, Veneza, Ljubljana, Beijing e Guanlan – sem contar outros mergulhos mundo afora –, sua arte avança em novas dimensões e questionamentos, além de reafirmar posições políticas e sociais.

Amor, homoafetividade, o olhar sobre o outro, sobre o mundo e sobre a brasilidade, os territórios, os povos originários, as injustiças, a Covid-19 e tantos temas candentes, que jamais deixarão de gritar perante a humanidade, marcam presença na retrospectiva que expõe as principais raízes de uma arte concreta e certa.

– *É uma exposição sincera por apresentar temas polêmicos; transformadora pelas propostas técnicas reinventadas e perturbadoras; e por acontecer sem filtros mercadológicos* – avalia a curadora Maria Helena Peres. – *Mas reitero a coragem de Maria, que tem sua*



Réquiem para os Tombados da Covid-19, São Paulo / SP, Memorial da América Latina, 2021

Foto: Reprodução / Site da artista

arte reverenciada nacional e internacionalmente, mesmo que nadando contra a corrente – completa.

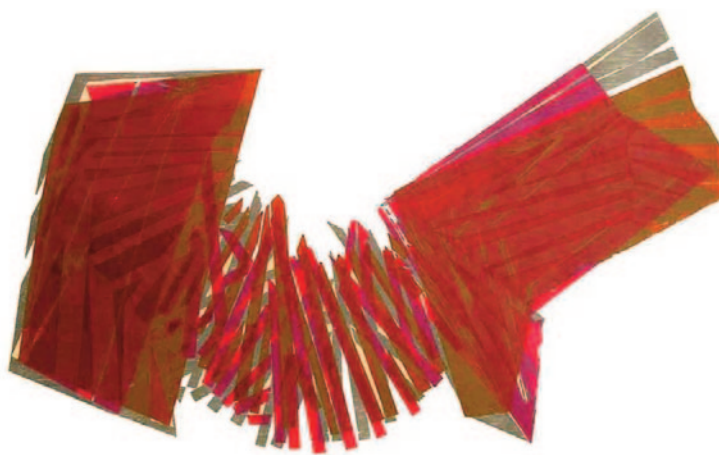
MERGULHO NA INTENSIDADE: DO INÍCIO AO PRESENTE

As salas iniciais mostram ao público os primeiros contatos de Maria Bonomi com a arte, assim como seus mestres, mentores e algumas viagens importantes – além de vários conjuntos de obras, entre os quais *Favela*, *Babel* e *Pedra Robat* (1974), apresentada na última Bienal de Veneza (2024), cujo tema foi *Stranieri Ovunque – Estrangeiros em todo lugar*.

Suas relações com a poesia, a literatura e o teatro também são representadas aqui, além das obras *Quadran-tes* e *Amor Inscrito*. A história pessoal da artista se impõe e revela, no erotismo do ideário dessas obras, o encontro amoroso entre Maria Bonomi e Lena Peres

(2004), juntamente com os trabalhos *Love Layers* e *Lena*, obra capital no percurso da artista.

A cor na produção de Maria Bonomi é destacada em obras como *Apoteose* (1993) – série inspirada na Marquês de Sapucaí, que revela detalhes de um desfile de escolas de samba no Rio –, e *Tropicália* (1995), obra fractal, na qual a artista mais uma vez se supera: cria 319 matrizes de diversas dimensões e formas para o trabalho, que é um manifesto em prol da ecologia.



Apoteose, Xilografia, 1993

Foto: Reprodução / Site da artista

POLÍTICA, LUTA E CONVICÇÕES

Maria Bonomi não se calou diante do contexto da ditadura militar de 1964 e seus horrores. Durante a Bienal de São Paulo em 1965, entregou uma carta coletiva, em mãos, ao ditador Humberto de Alencar Castelo Branco, instando-o pela libertação dos intelectuais presos arbitrariamente pela polícia política federal. Na mostra que ocupou o grande salão do MAM do Rio de Janeiro, em 1971, a artista atualizou o manifesto *Libertas quae sera tamen*; e em resposta ao AI-5, exibiu *Balada*

do terror (1970, 250 x 100 cm) – capa desta edição –, uma dramática simbolização da cor e da forma como um grito de horror, um réquiem para os mortos e para os vivos que sofriam torturas. Sua altura e seu tônus remetem à parte central de uma força como a de Tiradentes e a um altar sacrificial.

Outro importante trabalho de arte como resistência é a instalação *Tetraz* – dança de facas –, conjunto que abriga uma série de obras voltadas para a questão da liberdade, em todos os aspectos. A obra é de 2003, época em que a artista advertia ao país que a resistência ao governo progressista do presidente Lula, recém-empossado, seria uma luta de vida ou morte.

OBRAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS

Para Maria Bonomi, a arte pública tem um significado que vai muito além de uma obra de arte deslocada para um espaço fora dos museus; é uma intervenção que

busca se incorporar ao cotidiano e provocar mudanças na percepção e na memória das pessoas. A artista vê a arte pública como uma *"tatuagem perene da cidade"*, onde a obra se funde com o ambiente. Em seus projetos, Maria Bonomi busca uma interação e autoria coletiva, que envolve não apenas artistas, mas também arquitetos, engenheiros, pedreiros e a própria comunidade na execução.

No painel *Epopéia paulista* (2004, 3 x 73 m), que se encontra na Estação da Luz do metrô de São Paulo, a artista evidencia o orgulho dos paulistanos pelo dinamismo da cidade, com uma epopeia que presta homenagem aos imigrantes, aos paus-de-arara e aos anônimos que construíram a cidade. Fazem parte da obra elementos extraídos da literatura de cordel nordestina e “memórias perdidas” dos usuários do trem – objetos esquecidos nos vagões, como um acordeom, um vestido de noiva, óculos, ferramentas de trabalho e outros instrumentos musicais.

Ponte e Água Sólida, Gravura, 2013

Foto: Jornal da USP / Divulgação





Painel Epopeia Paulista (Estação da Luz, metrô SP), concreto pigmentado

Foto: Rômulo Fialdini

O Painel *Etnias – Do Primeiro e Sempre Brasil*, realizado a convite de Oscar Niemeyer para o Memorial da América Latina, é uma das mais notáveis obras de arte pública da artista. A obra é um conjunto de painéis em argila – que evoca as origens, as pinturas rupestres, a cultura indígena; em bronze – com cavernas e armas de fogo, que remetem à chegada dos colonizadores; e em alumínio – que simboliza os tempos atuais. É uma obra que retrata a história do encontro das diferentes culturas do país e o acultramento sofridos pelos povos originários. O público se integra à obra passeando entre placas e espelhos.

A exposição se completa com um filme sobre a experiência da arte por Maria Bonomi, realizado no primeiro semestre deste ano pela diretora de cinema e de televisão Denise Sarraceni. A ementa do filme está afixada na entrada da sala de projeção.

Para Maria Bonomi, a mostra do Paço Imperial é mais do que intenção e gesto: reúne a memória artística de toda uma história de energia, vontade e verdade íntima.



Dois Hemisférios (Av Paulista - Al Campinas), Módulos em concreto policelular

Foto: Rômulo Fialdini

– *Acredito piamente na força da Arte como conhecimento libertador. Mas sem improvisos, suada, estudada e mão na massa* – ressalta Maria Bonomi. – *Não tem mágica. É preciso fazer o básico de forma extraordinária.*

– *A gravura é soberana e todo-poderosa porque ela sabe que pode ser transformada e continuar ela mesma como a Hydra (Medusa)* – lembra Bonomi. – *Tratamos, durante uma vida, o gesto que faz a matriz. E esta se modifica, se move e se pereniza em várias situações infinitas – arte pública, instalações, pensamento gráfico perene e anterior à imagem até de uma estampa* – define.

MARIA BONOMI

Gravadora com uma produção de caráter monumental, realiza xilografias, águas-fortes, litografias, arte pública e instalações ao longo de quase oito décadas. Trabalhou com Lívio Abramo e foi bolsista em Nova Iorque no Contemporaries Pratt Institute. Estudou com Johnny Friedlaender no MAM do Rio de Janeiro e com Emilio Vedova, em Berlim e Veneza.

Entre as exposições individuais, destacam-se: MAM São Paulo, 1956; Roland de Aenlle Gallery, Nova Iorque, EUA, 1958; Galerie Buchholz, Munique, Alemanha; e Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1971.

Participou de nove edições da Bienal de São Paulo (prêmio de gravura na 8ª edição), sete em Ljubljana e duas em Praga e Veneza. Conquistou o Grande Prêmio de Gravura na Bienal de Paris 1967.

A partir de 1974 inicia obras de arte pública em São Paulo, em Manaus e no Chile. Em 1999 obteve seu PhD em Poéticas Visuais, com o tema “Arte Pública Sistema Expressivo Anterioridade”, pela ECA/USP.

Em 2007 publicou o livro *Maria Bonomi: da gravura à arte pública*, pela editora USP – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Em 2001, foi condecorada com a “Ordem do Rio Branco”; em 2008, com a “Ordem do Mérito Cultural” (MInC). Em 2014 foi agraciada com o título de Cidadã Paulistana.

SERVIÇO

Maria Bonomi, a arte de amar, a arte de resistir

Abertura: 6 de setembro, 15h | Visitação: até 16 de novembro

Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial

Praça Quinze de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2215-2093 / (21) 2215-2622

E-mail: diretoria@pacoimperial.org.br

Dias/Horários: terça a domingo e feriados, das 12h às 18h

Entrada gratuita

De cima para baixo:
A Águia, Xilografia, 1968; *Roofs*, Xilografia, 2015;

Fotos: Divulgação;
Imigração, Litografia, 1998
Foto: Reprodução / Site da artista



“ALÉM DA PINTURA”, de CARLOS VERGARA, na Galeria Patricia Costa, no Rio de Janeiro

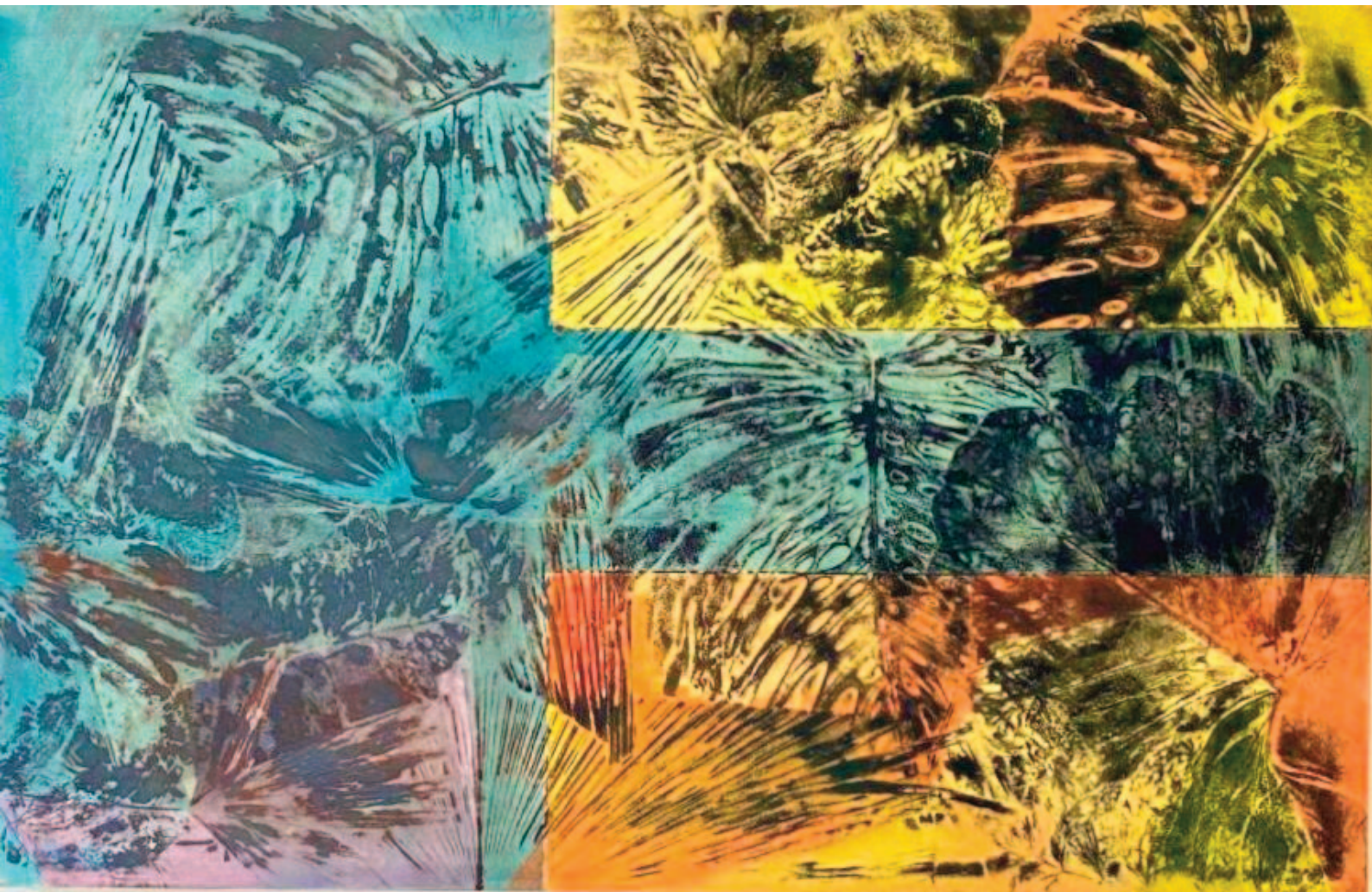


Foto: Divulgação

*Após um hiato de dez anos, Carlos Vergara volta a expor em galeria.
A nova individual acontece na Patrícia Costa, com curadoria de Vanda Klabin*

Há exatos 25 anos, Carlos Vergara cultua o hábito de trabalhar, religiosamente, no ateliê que mantém em um casarão em Santa Teresa. Os frutos inéditos dessa produção ativa e constante podem ser conferidos pelo público na individual *“Além da Pintura”*. Essa mostra guarda uma particularidade em especial: é a celebração de uma amizade longa, pois sela o encontro entre o artista, a galerista Patrícia Costa e a curadora Vanda Klabin. Pioneiros da arte no Rio de Janeiro, os três mantêm forte relação desde 1980 – e estarão reunidos pela primeira vez em uma exposição. Literalmente, além da pintura.

Conhecido por desenvolver seus próprios pigmentos a partir de elementos naturais, desta vez Vergara apresentará sua mais recente alquimia: uma tintura de nuances avermelhadas extraída do pau-brasil, árvore que possui enraizada em seu ateliê. A matéria-prima também virou serragem para o artista desenhar com uma seringa e criar sutis relevos traçados em algumas telas.

Essa técnica de pigmentação foi apresentada em novo terroir, quando participou de uma residência artística no Château Cos d’Estournel (vinícola de Bordeaux), no primeiro semestre desse ano, como parte da Temporada Brasil-França 2025.

– *“O ateliê é o meu laboratório”* – afirma o artista –, que aproveita para revelar que os estilhaços de um vidro que se quebrou um dia desses foi incorporado a um quadro que será levado para essa exposição. – *“Eu adoro trabalhar, não é uma obrigação”* – destaca.



Foto: Divulgação

A inspiração para tanta criatividade, segundo ele, *“vem vindo”*. – *Do quadro anterior nasce o seguinte... Às vezes surge um desafio que o trabalho anterior joga e eu tento resolver no seguinte. E é isso que faz andar* – explica.

– O artista traz ao presente um entrelaçamento de outros processos manuais; uma escolha estética, ao decalcar elementos naturais, como o pigmento com suas texturas e propriedades, carregado de história. Estar impregnado de gestos dos materiais que vêm da terra traz uma nova forma de expressão para a sua prática pictórica. Seus trabalhos são sempre atravessados pela

Foto: Divulgação



pintura, um processo que se confunde com uma depuração ou fusão com outros elementos, com um embeber, um provocar depósitos, vestígios, detritos ou fragmentos. Uma adesão aos puros pigmentos naturais e seus valores cromáticos, que se deixam impregnar ou diluir, de maneira aberta ao imprevisível. Como o próprio artista declarou, utiliza o acaso e a precisão. A diluição do pigmento traz perturbações delicadas na superfície da obra, como se estivesse à procura de uma outra instância para a sua existência – um novo modo de ser, uma nova significação, como se relutasse em alcançar sua forma final. São pulsações diferenciadas, irradiações impregnadas de valores cromáticos que flutuam e adotam comportamentos divergentes. E o artista comentou que *“as formas não mudam, o que muda são as formas de olhar”*.

Os trilhos dos bondes de Santa Teresa, um dos ícones da cidade carioca onde o artista está radicado desde a adolescência (nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 1941), se fazem presentes em monotipias

que também poderão ser vistas pelo público em *“Além da Pintura”*, um recorte que reúne 16 trabalhos com diferentes suportes, até 27 de setembro, na Galeria Patrícia Costa, em Copacabana – *o mesmo bairro que Vergara escolheu para morar*, pontua a curadora e historiadora Vanda Klabin.

– *Sua pintura permanece extremamente vigorosa, plena e fluida; seu universo discursivo é sempre diversificado, pulsante – e propaga sua imensa energia plástica, continuamente desdobrada em inovações. Essa exposição amplia o entendimento sobre a trajetória do artista e da constituição de uma linguagem plástica brasileira, com incessante fidelidade ao ato da pintura* – conclui a curadora.

SERVIÇO

“Além da Pintura” – de Carlos Vergara

Até 27 setembro

Galeria Patrícia Costa

Av. Atlântica, 4.240, lojas 224 e 225, Copacabana, Rio de Janeiro / RJ | Tels.: (21) 2227-6929 / 98868-1993

Dias/Horários: segunda a sexta, das 11h às 19h; sábados, das 11h às 17h

Classificação: livre | Entrada gratuita

www.galeriapatriciacosta.com.br

Foto: Divulgação





A.E. (Nunca Mais Brasil), 2023

Foto: Eduardo Ortega

Brasil de susto e sonho: um panorama da obra de Rivane Neuenschwander, no Itaú Cultural, SP

Entre vídeos, esculturas, pinturas, instalações, desenhos e trabalhos consagrados – como Quarta-feira de Cinzas / Epílogo, de 2006 –, a mostra abrange diferentes caminhos artísticos percorridos pela artista nos últimos 30 anos

No conjunto, *Brasil de susto e sonho: um panorama da obra de Rivane Neuenschwander* apresenta o olhar atento da artista sobre assuntos que vêm movendo os brasileiros na história contemporânea do país, dos anos de 1970 aos atuais. A inspiração trafega entre registros de manifestações diversas captadas por ela em solo firme, no espaço das redes sociais, em sonhos de crianças, em festas folclóricas e em observações subjetivas capturadas em suas andanças pelo país.

A mostra é uma realização do Itaú Cultural e se estende pelos três pisos do espaço expositivo da instituição. A curadoria está a cargo da pesquisadora e jornalista Fabiana Moraes (Universidade Federal de Pernambuco/UFPE).

TRÊS PISOS REPLETOS DE ARTE E SURPRESA

No **Piso 1**, o público encontrará quatro obras. *Dream.lab/São Paulo*, inédita no Brasil (já foi apresentada no museu KinderKunstLabor, na Áustria, com curadoria de Mona Jas e Andreas Hoffer), versa sobre os sonhos de crianças com quem a autora trabalhou em oficinas específicas.

Já *Mestre Zenóbio e o Cordão da Bicharada* é 100% inédita; é um vídeo de 20 minutos, realizado por Cao Guimarães e Rivane Neuenschwander, que versa sobre o cordão que lhe dá nome, fundado por Mestre Zenóbio na Vila de Juaba, em Cametá, interior do Pará, na primeira metade dos anos 1970. Num tempo em que a Copa do Mundo e a Transamazônica dominavam as telas e os discursos do regime ditatorial, Zenóbio enchia uma pequena embarcação com representações de animais de países e climas distintos, para chamar a atenção para a preservação da natureza, em um cortejo que se repete todos os anos no Carnaval das Águas, tradição centenária da cultura paraense.

Completam esse piso as obras *Atrás da Porta*, de 2007, feita com 140 rabiscos de variados tamanhos, recolhidos pela artista em portas de banheiros públicos; já *L.L. (o vendedor de furos)* é inspirada numa memória de infância de L.L., amiga de Rivane, que imaginava um comerciante que ganhava dinheiro vendendo buracos. É feita com pequenas esculturas que se espalham pelos três andares da mostra.

Oficinas para a obra *Dream.lab/São Paulo*, 2025

Fotos: Agência Ophelia





Rivane Neuenschwander e Cao Guimarães, *Mestre Zenóbio e o Cordão da Bicharada* (frame), 2025

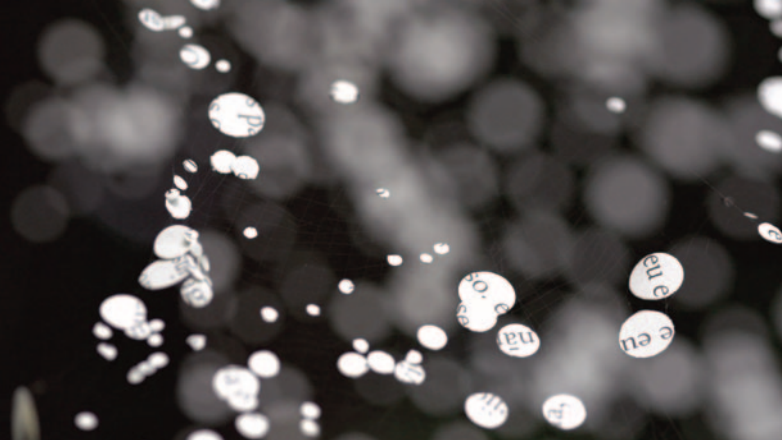
No **Piso -1**, mais dois trabalhos inéditos se apresentam: *As Insubmissas* e *Perversos, marcianos, canibais e alienados*. Esses trabalhos derivam da obra *O alienista* (2019), atualmente exposta no Instituto Inhotim e baseada no livro homônimo de Machado de Assis. As duas obras apresentam, como alegorias, distintos personagens que, em conexão com o espírito da obra de Machado de Assis, se entrelaçam com aspectos da realidade brasileira. *As Insubmissas* apresentam muitos personagens, como a *Ativista*, o *Brasil*, o *Comunista*, a *Anti-fascista* e por aí vai. Já *Perversos, marcianos, canibais e alienados* incluem *A Agência de Vigilância*, *A Alta Patente*, *A Emenda Parlamentar* e outros.

Enredo (2016), vídeo produzido por Rivane em 2016 com o neurocientista Sérgio Neuenschwander, também está nesse piso. Inspirado no livro *As Mil e Uma Noites*, acompanha uma aranha tecendo sua teia, com o fio entremeado por confetes feitos de pequenos trechos do livro, ao som de um tamburello (instrumento semelhante à pandereta), executado pelo cantor e compositor Domenico Lancellotti. *Quarta-feira de Cinzas / Epílo-*

go (2006), obra realizada por Rivane e Cao Guimarães em 2006, é um filme digital de 10 minutos que articula a folia em fim de festa. A obra *Repente* (2016) apresenta etiquetas de tecido bordadas, painel de feltro, caixas de madeira, alfinetes de cabeça e de segurança. É um trabalho que a artista vem atualizando ao longo dos anos.

No trabalho *Noites árabes* (2008), Rivane evoca a clareza volátil da Lua mobilizando um número palíndromo, assim como na obra *Enredo, as Mil e Uma Noites de Sherazade*. Aqui, o rolo de filme de 16 milímetros se desdobra em 1.001 pequenos furos atravessados pela luz. À *espreita*, feita com tinta acrílica sobre papel preto *acid free*, reúne 24 pinturas que investigam tanto o lado psicanalítico quanto político do medo. Rivane vem investigando há anos a infância como um lugar também político. Neste trabalho ela exhibe formas sombrias desenhadas pelas próprias crianças, a partir de oficinas realizadas na pesquisa *O nome do medo* (iniciada em 2015).

Piso -2 – Exibida com destaque no último andar, *Apo-coplástico* também é uma obra inédita. Trata-se de uma escultura composta de madeira, massa e tinta acrílica, corda, plástico e papel, em dimensões variadas. Tem origem na viagem que a artista fez ao lado de Cao Guimarães à região do rio Tocantins, para a produção de *Mestre Zenóbio e o Cordão da Bicharada*. Lá, Rivane observou uma grande quantidade de plásticos e outros materiais jogados após o Carnaval, cujas imagens aparecem no vídeo. No mesmo andar, *Notícias de jornal (...)*, de 2025, expõe o noticiário cotidiano – em es-



Rivane Neuenschwander em colaboração com Sérgio Neuenschwander, *Enredo* (frames), 2016

pecial os tantos casos de feminicídio – em uma série de cinco novas pinturas baseadas em ex-votos; sem santos, mas com sangue. Todas as telas foram realizadas este ano e foram batizadas com nomes femininos.

Em *A conversa* (2010-2025), Rivane se inspirou no filme homônimo, dirigido por Francis Ford Coppola em 1974. Nessa instalação, cujo mote é a paranoia da espionagem, que transforma todos em suspeitos e alvos, a artista utiliza materiais como papel de parede, carpete, forro para carpete, cola, gravadores de áudio, aparelho de som, alto-falante etc. – inclusive com escutas escondidas no assoalho e nas paredes, e também com microfones camuflados.

M.C. (Sete Exu da Lira/Chacrinha), de 2025, é um bordado de miçangas e lantejoulas sobre sarja de algodão.

O trabalho evoca o Brasil de 1971 e a presença da umbandista Mãe Cacilda de Assis, andrógina e negra, recebendo a entidade Seu Sete da Lira no Programa do Chacrinha, na TV Globo, e no famoso show de Flávio Cavalcanti, na TV Tupi. No vídeo *Erotisme* (2014), a trilha sonora é de O Grivo. Uma mão interpreta o alfabeto desobedecendo a sua sombra. A obra faz referência direta ao verbete “erotismo”, atribuído a Georges Bataille, na obra surrealista *Le memento universel* Da Costa.

M.F. (Road trip), de 2015, pode ser resumido como um buraco de 1 x 2 cm, feito na parede, para exalar o cheiro de gasolina. Mas é muito mais do que isso. Refere-se ao Brasil de 1970 e às grandes estradas que cortaram aldeias e florestas. *A.E. (Nunca mais Brasil)*, de 2023, é uma tapeçaria de 1,70 m x 1,70 m, na qual Rivane apre-

senta uma costura de retalhos de medos e lembranças, infância e geografia, arquivos e pavores, numa referência ao livro *Brasil: Nunca Mais* (1985) e à pesquisa *O nome do medo. R.R. (90 milhões em ação)*, de 2025, também remete ao ano de 1970, quando o Brasil conquistou o tricampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo no México, com jogadores como Pelé, Rivelino, Tostão, Gerson e Jairzinho em campo. Aliás, essa vitória foi capitalizada pelo governo Médici (1969-1974) e embalada pela marchinha de Miguel Gustavo: “Noventa milhões em ação / Pra frente, Brasil, do meu coração...”

Saiba mais sobre a artista na Enciclopédia Itaú Cultural:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/5810-rivane-neuenschwander>

SERVIÇO

Brasil de susto e sonho: um panorama da obra de Rivane Neuenschwander

Até 2 de novembro

Itaú Cultural – Pisos 1, -1 e -2

Avenida Paulista, 149 – próximo à estação de metrô Brigadeiro, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2168-1777

WhatsApp: (11) 96383-1663

E-mail: atendimento@itaucultural.org.br

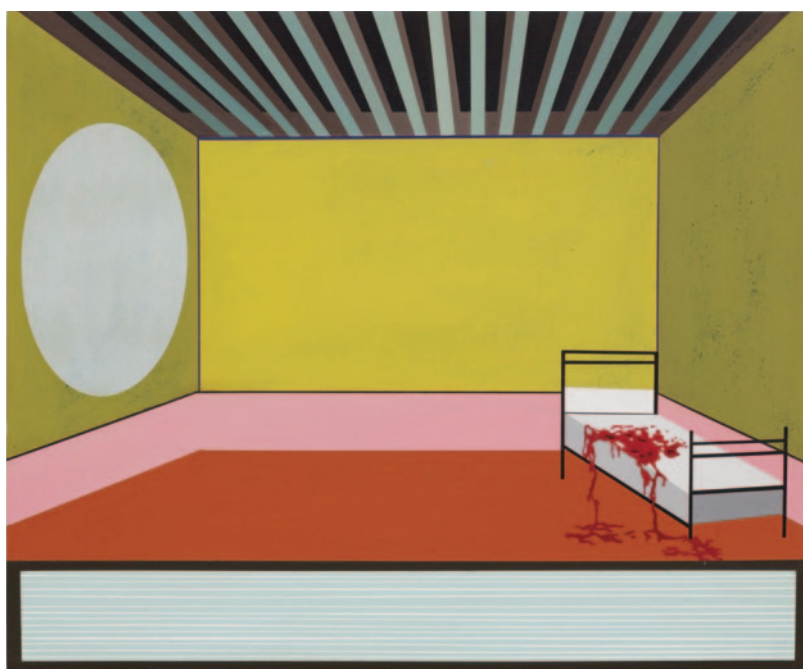
Dias/Horários: terça a sábado, das 11h às 20h; domingos e feriados, das 11h às 19h

Entrada gratuita

www.itaucultural.org.br

De cima para baixo:
M.C. (Sete Exu da Lira/Chacrinha), 2025;
Notícia de jornal (Sala Rosa), 2025;
Notícia de jornal (Quarto verde), 2025

Fotos: Eduardo Ortega



WILMA MARTINS e GABRIELLA MARINHO na Galatea, SP



Wilma Martins, *Cotidiano Feminino*, 1983

Foto: Ding Musa



Gabriella Marinho, *Cascata*, 2024

Foto: Ding Musa

Territórios interiores, de Wilma, e Rastro Luminoso, de Gabriella, estão em cartaz até 18 de outubro na Galeria Galatea, em São Paulo

Wilma Martins (1924-2022) teve formação variada, iniciada na Escola Guignard em Belo Horizonte, sua terra natal, entre 1953 e 1956. Pintora, desenhista, gravadora, ilustradora e figurinista, a artista se mudou para o Rio de Janeiro em 1966. Sua produção é marcada pela exploração poética de linguagens gráficas, especialmente a xilogravura. Intimidade e natureza se entrelaçam na mostra *Wilma Martins: Territórios interiores* – a primeira dedicada à artista desde a retrospectiva póstuma *“Wilma Martins: território da memória”* (2023). A artista produziu até sua morte, em 2022.



Wilma Martins,
Obra da série *Cotidiano*
Foto: Ding Musa

Gabriella Marinho (1993, São Gonçalo, RJ) vive e trabalha em São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Formada em Jornalismo, com especialização em Literaturas Africanas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, a artista usa o barro, a argila e a terra como pontos de partida materiais e filosóficos para desenvolver o seu trabalho, experimentando texturas e técnicas que denotam uma bagagem relacionada à identidade afro-brasileira e afro-diaspórica. Com texto crítico assinado pelo curador Matheus Morani, a mostra *Gabriella Marinho: rastro luminoso* reúne obras inéditas, entre esculturas em porcelana e pinturas, que investigam os limites entre espaço e território, a partir de uma abordagem poética e ritualística, ancorada nas religiões de matriz africana.



Gabriella Marinho
Foto: Ding Musa



Wilma Martins, Obras da série *Cotidiano*
Fotos: Ding Musa



POÉTICAS DO IMAGINÁRIO

Desenvolvida entre 1974 e 1984, *Cotidiano* é considerada a série mais conhecida de Wilma Martins. Nela, cenas de interiores domésticos – como salas, cozinhas e quartos – se entrelaçam com rios, plantas e animais, criando composições em que o real e o imaginário se encontram em harmonia. A brancura intimista dos espaços privados contrasta com a vitalidade orgânica da natureza, revelando um olhar poético e silenciosamente subversivo sobre os pequenos gestos da vida cotidiana. A série foi redescoberta na exposição *Cotidiano e Sonho*, retrospectiva realizada em 2013, com curadoria de seu marido, Frederico Moraes, importante crítico e historiador de arte brasileiro.

É a primeira vez em décadas que a série *Cotidiano* será apresentada em um escopo tão abrangente. A mostra representa uma oportunidade única para revisitar um dos núcleos mais significativos da produção de Wilma Martins, o que reafirma sua importância no panorama da arte brasileira contemporânea. Ao mesmo tempo, é uma oportunidade para que o público possa redescobrir uma artista cuja produção continua relevante e atual – o que reafirma o compromisso da Galatea com a preservação e a valorização de legados artísticos fundamentais.

– *Cotidiano se destaca por seu traço firme, preciso, e pela maneira como Wilma articula silêncio e intensidade. É uma obra profundamente íntima e ao mesmo tempo universal* –, afirma Fernanda Morse, que assina o texto crítico. – *É um corpo de trabalho que ainda fala muito ao presente.*



Gabriella Marinho
Foto: Ding Musa

ESSÊNCIAS E RITOS

Com texto crítico assinado pelo curador Matheus Morani, a mostra *Gabriella Marinho: rastro luminoso* reúne obras inéditas, entre esculturas em porcelana e pinturas, que investigam os limites entre espaço e território, a partir de uma abordagem poética e ritualística, ancorada nas religiões de matriz africana. Entre corpo, porcelana e rito, a artista propõe uma travessia sensível pelos territórios da espiritualidade afro-brasileira.

Marinho costuma ter o barro e a terra como pontos de partida, tanto no sentido material quanto no filosófico. No entanto, esta é a primeira vez que Marinho realiza um projeto centrado na porcelana – material carregado de significados e que, na mostra, dialoga diretamente com a simbologia de Oxalá, importante orixá da cos-

mologia afro-brasileira, um dos mais antigos do panteão do candomblé, e figura central em sua história pessoal.

– Penso a exposição como um percurso que passa a ser traçado em suspensão, a partir da subjetividade dos símbolos ritualísticos atrelados à porcelana e à areia de praia. Meu trabalho traz o barro como ponto inicial; e abordo isso dentro dos contextos nos quais me insiro e me entendo como pessoa. Nesse momento me volto para questões como corporalidade, pertencimento e espaço, unidas pela espiritualidade – explica.

Além da porcelana, a exposição destaca outros elementos, como metal, palha, areia e azul anil, para evocar uma rede simbólica que atravessa diferentes orixás e suas interações com Oxalá. A areia utilizada para a pro-

dução das obras da exposição foi retirada em pontos do literal do Rio de Janeiro, especificamente em Saquarema, Boa Viagem e Camboinhas.

Nos últimos dois anos, a artista participou da residência artística e exposição *The Whisper Beneath*, em Taipei Artist Village, Taiwan, a convite da 01.01 ArtPlatform e da residência artística e open studio em Luanda, Angola, a convite da galeria MOVART. Entre suas exposições destacam-se, entre outras, *Ofício: Barro: Gabriella Marinho: Argila-Griô* (Individual, Sesc Pompeia, São Paulo, 2024); *Ressignificar no Tempo* (Coletiva, MOVART, Luanda, 2024).



Gabriella Marinho

Foto: Ding Musa

SERVIÇO

Wilma Martins – Territórios interiores

Gabriella Marinho – Rastro Luminoso

Até 18 de outubro

Galatea

Rua Oscar Freire, 379, Loja 01, Jardins, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda a quinta, das 10h às 19h;

sexta, das 10h às 18h; sábado, das 11h às 17h

www.galatea.art



Wilma Martins,
Obra da série
Cotidiano

Foto: Ding Musa



Gabriella Marinho

Foto: Ding Musa

“Terras Crescidas”, de UÝRA, na Aura, SP

Depois de apresentar performances em diversos países, inclusive no Museo Reina Sofía, na Espanha, e inaugurar uma individual na Colômbia, a artista amazônica apresenta sua primeira individual na Aura, em São Paulo

Poder de Tajá, série Elementar, 2020
Foto: Hick Duarte



A mostra “*Terras Crescidas*” reúne 14 fotoperformances, além do vídeo “*Planta-Gente*”, um trecho do documentário “*Uýra – A Retomada da Floresta*”, filmado na Amazônia e exibido internacionalmente, com mais de 11 prêmios conquistados em festivais em Nova York, Los Angeles, Londres e Melbourne, entre outros.

Com texto curatorial de Denilson Baniwa, a exposição parte do fenômeno natural das chamadas “terras caídas” e “terras crescidas” – processos geológicos de erosão e sedimentação nos rios amazônicos – para refletir sobre as memórias apagadas, a resistência indígena e os impactos do avanço colonial sobre os corpos, territórios e ecologias da floresta.

Uýra, artista, bióloga e educadora, conhecida por seu trabalho que atravessa arte, ciência e ancestralidade,

usa o próprio corpo para construir diálogos entre gente, bicho e planta, além de responder ao histórico de apagamento identitário amazônico.

Nas palavras de Denilson Baniwa, “*o constante contato com o ocidente fez com que parte da memória familiar e étnica fosse amputada dos mais jovens. Tudo acaba se tornando opaco e, através da pesquisa artística de Uýra podemos vislumbrar um outro tempo: o de uma terra formada por sedimentos de memórias e de onde pode-se reclamar a retomada do que foi perdido ao longo dos períodos de escravidão, exploração e apagamentos. É uma certa contrarresposta à tentativa de invisibilidade, atropelamentos históricos e separação das famílias, num território construído a partir da divisão, da separação.*”

Vídeo *Planta-Gente*

Foto: Divulgação





Terra Pelada,
série A Última Floresta,
2018

Foto: Matheus Belém

“*Terras Crescidas*” faz um paralelo complementar à exposição “*Terras Caídas*”, também da Uýra, no Parque Maria da Glória, no Rio de Janeiro, que está em cartaz até 14 de setembro, e apresenta uma seleção de oito fotoperformances das séries “*Elementar*”, “*Mil Quase Mortos*”, “*Rio Negro*” e “*Terra Pelada*”, entre outras.

SOBRE A ARTISTA

Uýra (Santarém, PA, 1991). Vive e trabalha em Manaus, AM); desenvolve sua prática principalmente por meio da performance, da fotoperformance e da arte-educação. Em suas obras, utiliza o próprio corpo para tecer histórias sobre o encontro e as tensões entre a floresta e a cidade, articulando saberes científicos e ancestrais. Seus trabalhos investigam as múltiplas naturezas dos mundos, suas origens e desdobramentos no imaginário sócio cultural e político. O desaparecimento e a reinvenção da vida, assim como os processos de diáspora iindígena, são temas centrais em sua pesquisa e produção artística.

Em 2022, seu documentário “*Uýra – A Retomada da Floresta*”, gravado na Floresta Amazônica, foi lançado nos Estados Unidos e já recebeu mais de 11 prêmios em festivais de Nova York, Los Angeles, Londres e Melbourne, entre outros.

Graduada em Biologia e Mestra em Ecologia da Amazônia, realizou individuais em instituições como o Museu de Arte Moderna do Rio (MAM/RJ), o Kunstraum Innsbruck (Áustria), o Currier Museum of Art (Estados Unidos) e Museu de Arte Moderna de Bogotá (Colômbia). Participou de várias bienais, entre as quais, a 34ª Bienal de São Paulo, a Bienal Manifesta! (Kosovo) e a 1ª Bienal das Amazônias. Tem obras em coleções como as da Pinacoteca de São Paulo, Instituto PIPA, Castello de Rivoli (Itália), Institute for Studies on Latin American Art (ISLAA), Los Angeles County Museum of Art (LACMA) e Currier Museum of Art (EUA). Em 2025, na Espanha, foi destaque durante a Feira Arco Madrid e apresentou a performance *Espiral da Morte* no Museu Reina Sofia.

SERVIÇO

Uýra – Terras crescidas

Até 27 de setembro

Aura

Rua da Consolação, 2767, Jd. Paulista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3034-3825

E-mail: comunicacao@aura.art.br

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábados, das 11h às 17h

Entrada gratuita



Foto: Nathan Carvalho

TRÊS CASAS, de NUNO RAMOS, inaugura nova sede do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS)

*Num diálogo que ganha densidade particular após as enchentes
que devastaram o Rio Grande do Sul em 2024, a instalação do artista ocupa
integralmente o novo espaço expositivo do museu e propõe uma imersão
no tempo da matéria e na fragilidade das formas*

O Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), instituição vinculada à Secretaria de Estado da Cultura, inaugura sua nova sede no 4º Distrito de

Porto Alegre – Bairro Floresta – com a exposição *Três Casas*, do artista Nuno Ramos. Instalado em um antigo galpão industrial reconfigurado para abrigar práticas

artísticas e reflexões sobre o presente, o MACRS 4D nasce como uma plataforma pública voltada à experiência estética e à produção de sentido em um momento de transformação profunda – tanto para a cidade quanto para o imaginário coletivo.



Foto: Nathan Carvalho

A escolha de Nuno Ramos para essa abertura não é casual: seu trabalho, reconhecido pela força poética e política, tensiona fronteiras entre memória individual e história coletiva. Com curadoria de André Severo, a mostra apresenta uma grande instalação que ocupa todo o espaço da nova sede, localizada em uma região histórica em plena transformação cultural e urbana. *Três Casas* mergulha o visitante em uma experiência sensorial e emocional, combinando a memória pessoal do artista com um comentário contundente sobre a fragilidade da existência humana diante da força devastadora da natureza.

No centro da instalação, três réplicas em tamanho real das casas onde Nuno Ramos viveu ao longo da vida,

emergem como espectros de um passado que, embora familiar, está sendo implacavelmente devorado pelo tempo e pelos elementos. Cada casa, meticulosamente reconstruída, submerge em uma piscina de lama instalada no interior da galeria. Essas piscinas — uma branca, outra preta e a terceira marrom — evocam camadas complexas de significado, materialidade e simbolismo.

A escolha das cores e texturas não é casual: representam as fases da vida e as emoções contrastantes que as acompanham. As casas, afundadas nesse ambiente inóspito, parecem resistir à aniquilação, simbolizando a persistência da memória e a inevitável transformação.

A obra já foi apresentada em 2012, na Galeria Celma Albuquerque, em Belo Horizonte, mas em Porto Alegre adquire ressonância ainda mais urgente. Ao ecoar as enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul em maio de 2024 – a maior tragédia climática da história do estado – a obra se converte em metáfora coletiva para a vulnerabilidade e o luto. As casas submersas tornam-se monumentos de memória, não apenas pessoal, mas também social e política. Ao atravessar a instalação, o público é convidado a refletir sobre a impermanência, o sentido de pertencimento e a relação entre arte e vida num mundo em que a natureza, imprevisível, transforma o conhecido em ameaça.

A OBRA, POR ANDRÉ SEVERO

“Nuno Ramos articula com rara intensidade os vínculos entre a memória íntima e os abalos do mundo, propondo uma experiência em que a dimensão subjetiva se entrelaça à devastação coletiva. A instalação opera

como um espaço de reverberação simbólica, onde o lar – lugar arquetípico da proteção, da identidade e da permanência – é confrontado com sua ruína iminente. As casas, moldadas a partir das lembranças do próprio artista, deixam de ser apenas reminiscências pessoais para se tornarem arquétipos universais da fragilidade e do desamparo.

Penso que a escolha da lama como elemento central da instalação carrega uma polissemia densa e desconcertante. Fluido espesso, que não é nem terra nem água, a lama representa o limiar da forma, o lugar onde tudo pode afundar, desaparecer ou ser reconfigurado. Ao submergir as casas em três lamas de cores distintas, Nuno Ramos aciona camadas simbólicas que vão da dor à fertilidade, do luto ao renascimento, em uma alegoria das forças que nos arrastam e nos moldam. As cores – branca, preta e marrom – não são apenas opções cromáticas, mas metáforas emocionais e temporais: que podem tanto falar da infância, da morte, ou da degradação da matéria, quanto da constante luta por permanência.

Ao ser reapresentada no contexto pós-tragédia das enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, esta obra ganha uma ressonância ainda mais urgente. A tragédia, que transformou milhares de casas reais em espectros, ecoa de forma pungente nas formas encobertas e ameaçadas da instalação. As casas imersas deixam de ser apenas as do artista e tornam-se as de todos: as que vimos nas imagens da catástrofe, as que conhecemos ou perdemos, as

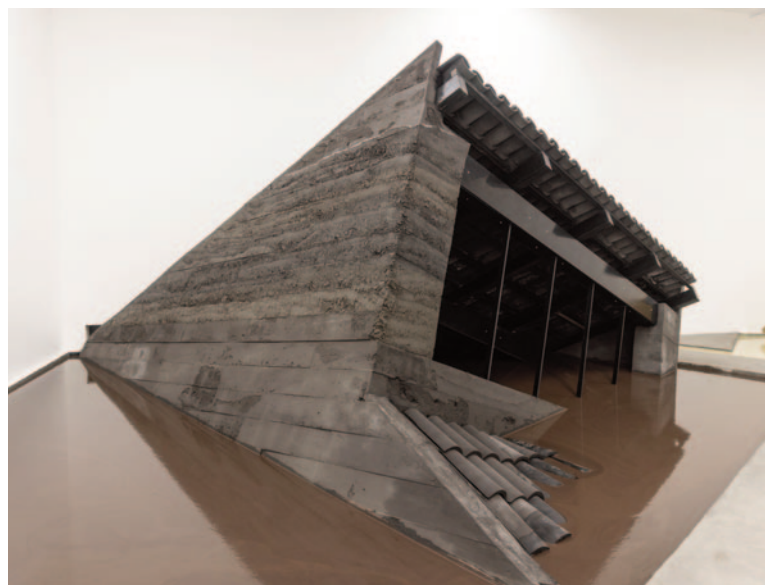


Foto: Nathan Carvalho



Foto: Fabio Del Re



Foto: Fabio Del Re

que carregamos em nós como promessa ou ausência. O gesto de Nuno Ramos não é meramente descritivo ou documental – é, de certa forma, um gesto ritual, que transforma a galeria em um espaço de projeção, testemunho, luto e transfiguração.

Acredito que *Três Lamas – Morte das Casas* é, antes de tudo, uma instalação que nos convoca a pensar sobre o modo como a arte pode mediar o inominável, não como consolo, mas como enfrentamento. É na força da imagem que persiste – ainda que submersa – que a obra nos lembra da potência da memória e da necessidade de reconhecer, na lama, tanto a perda quanto a semente de um possível porvir.”

IMPRESSÕES DO ARTISTA

“A escolha de *Três Lamas – Morte das Casas* para a inauguração da nova sede do MAC-RS no 4º Distrito coloca em diapasão a arte contemporânea e a vida pública da cidade, em sua dimensão política e ecológica. Com isto, sinto que a instituição abre suas portas já sinalizando sua vocação principal: refletir as grandes questões nacionais e urbanas a partir do território livre da arte, com suas estranhezas, deslocamentos e promessas.

Às vezes pode parecer demagógico dizer que é uma honra inaugurar um museu, mas neste caso é absolutamente verdadeiro. Porto Alegre acompanhou de perto minha trajetória – foi aí que realizei a primeira versão do *111*, do *24 Horas*, do *Dito e Feito*, fiz performances marcantes, participei de bienais, apresentei *Cinema ao Vivo*, *Ensaio sobre a Dádiva*... É uma cidade que acolheu o melhor de mim ao longo dos anos, com generosidade e liberdade. Quando vieram as enchentes de 2024, senti que precisava estar mais perto, me mobilizei imediatamente e fui até a cidade.

O impacto que tive com o que vi nesse momento foi profundo, epidérmico. Por tudo isso, inaugurar a nova sede do MAC no 4º Distrito é também, para mim, uma forma de agradecer – à cidade, às instituições e às pessoas que me permitiram realizar, com intensidade e total liberdade, até obras mais difíceis, sem retorno comercial ou de público garantidos. Estou com 65 anos, e sinto que essa exposição é também uma homenagem à minha própria história com Porto Alegre.”

O MACRS 4D

Localizado no bairro Floresta, o edifício preserva a memória arquitetônica ao mesmo tempo em que propõe usos inovadores. Em um ambiente imersivo, com uma agenda que integra sustentabilidade, inclusão e aproximação com a comunidade, o museu conecta arte, educação e território numa área de 500 m² (60% dos quais destinados exclusivamente a exposições).

Por mais de 30 anos, o MACRS, vinculado à Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), esteve sediado na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ). Agora, consolida-se como um museu de duas sedes com uma só missão: preservar e difundir seu acervo, incentivar a produção contemporânea e refletir criticamente sobre o papel da arte na sociedade.

SERVIÇO

Três Casas – Nuno Ramos

Até 11 de janeiro de 2026

MAC RS 4º Distrito

Rua Comendador Azevedo, nº 256, Floresta, Porto Alegre / RS

Informações: mac@sedac.rs.gov.br

Dias/Horários: terça a sexta, das 12h às 18h;

sábado e domingo, das 10h às 18h

macrs.rs.gov.br



“O INÍCIO DO MUNDO”

Mostra na Pinakotheke Cultural, Rio de Janeiro, exibe uma visão poética e sensível da mulher como matriz, gênese, força-motriz no mundo e no cotidiano. Exposição reúne 78 obras de 59 artistas. A curadoria é de Katia Maciel e Camila Perlingeiro

O início do mundo é um convite a regressar às origens – as artistas evocam o feminino como princípio criador e força de transformação. Cada imagem, cada matéria carrega em si a potência das metamorfoses cíclicas, antigas e futuras. Aqui, o começo não é um ponto fixo, mas um movimento contínuo: um mundo que se reinventa no corpo feminino, na memória e na arte.

“Essa exposição é um projeto ousado, mesmo para a Pinakothek”, diz Camila Perlingeiro. “Reunir tantas artistas e obras com suportes tão diversos foi um desafio que abraçamos com entusiasmo. Há anos pensávamos em uma mostra que envolvesse um número expressivo de artistas mulheres, e a curadoria de Katia Maciel, poeta e artista múltipla, foi a garantia de um projeto ao mesmo tempo criterioso e sensível”.

A montagem da exposição não obedece critério de linearidade. As aproximações são poéticas, onde obras em diferentes suportes se agrupam – como filmes junto a fotografias, ou pinturas que conversam com objetos, por exemplo. *“É um percurso orgânico”,* observa Camila Perlingeiro.

A primeira sala é toda em preto e branco, *“porque simboliza o começo, antes da cor, antes de tudo”,* explica a curadora. As outras salas reúnem obras que conversam entre si e ao mesmo tempo formam uma cacofonia delicada e potente de tudo o que simboliza o início e o ciclo da vida.

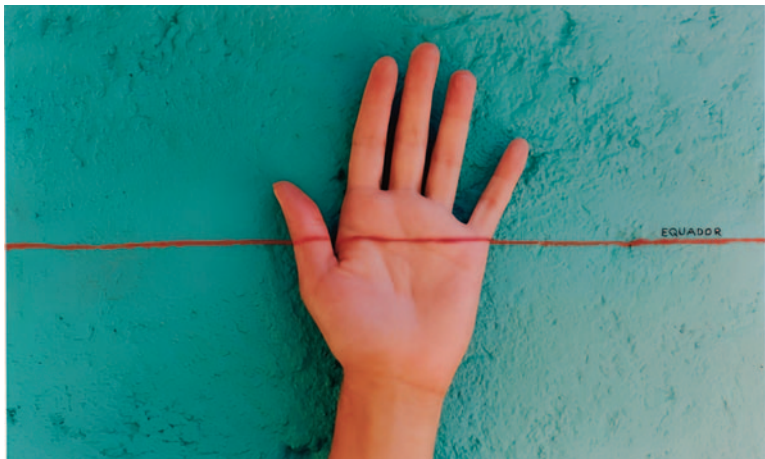
Katia Maciel indaga: *“O início é um ponto, uma linha, um círculo?. Para a física, seria um ponto primeiro, um*

começo que explode. Para a história, uma linha contínua que por vezes se bifurca. Para as mitologias, um círculo que gira sobre si mesmo. Para a arte, o início são os três pontos, a reticência, a pergunta, a dúvida, uma forma viva que liga o finito ao infinito. A exposição reúne o trabalho de 59 mulheres cujos aspectos sensíveis e simbólicos expressam um início possível”, afirma.

O início do mundo percorre um arco geracional de um século, com trabalhos em pintura, gravura, desenho, vídeo, fotografia, escultura e objetos. Ficará em cartaz até 18 de outubro, com entrada gratuita.

ALGUNS DESTAQUES

De Adriana Varejão, a fotografia *“Contingente”* (2000); de Aline Motta, o objeto *“Livro sanfona”* (2008-2012) e a fotografia *“Varal do meu vizinho”* (2008-2012).



Adriana Varejão, *Contingente*, 2000

NO CÍRCULO

Obras ovaladas, ou circulares, integram *“O início do mundo”*. Destacam-se, entre elas, *“Correntes culturais dependentes / Correntes culturais dominantes”* (1976-



Aline Motta, *Livro sanfona*, 2008-2012

Foto: Jaime Acioli



Aline Motta, *Varal do meu vizinho*, 2008-2012

2022), de Anna Bella Geiger; “*No Círculo*” (da série “*Novas Paisagens*”, 1989), de Anna Maria Maiolino; a pintura “*Tonga II*” (1994), de Beatriz Milhazes; a fotografia “*Coisa em si*” (1994), de Lenora de Barros; e ainda a fotografia “*Madeiras III*” (da série “*Lanterna Mágica*”), 2012, de Rosângela Rennó.

A FORÇA – NO COTIDIANO, NO AFETO, NO MUNDO, NA VIDA

Leticia Parente, umas das precursoras da videoarte no Brasil, exibe em dois trabalhos a mulher como elemento de força, afeto, e também a capacidade de assumir papéis múltiplos, lidando com suas emoções. Na gravura “*Autorretrato*”, Maria Martins coloca serpentes no lugar dos cabelos, como uma medusa necessária para estar no mundo da arte. Outra obra da artista é uma escultura em bronze, “*Comme une liane*” (“*Como uma trepadeira*”, 1946).

NATUREZA E DELICADEZAS METAFÍSICAS

“*A coleta da neblina*” (1999-2002/2019, 7’11”), filme 16 mm transferido para mídia digital, obra fundamental de Brígida Baltar, faz parte da mostra, assim como a pintura “*Nômades*” (2007-2023) e a escultura “*Disco voador*” (2024), de Laura Lima.



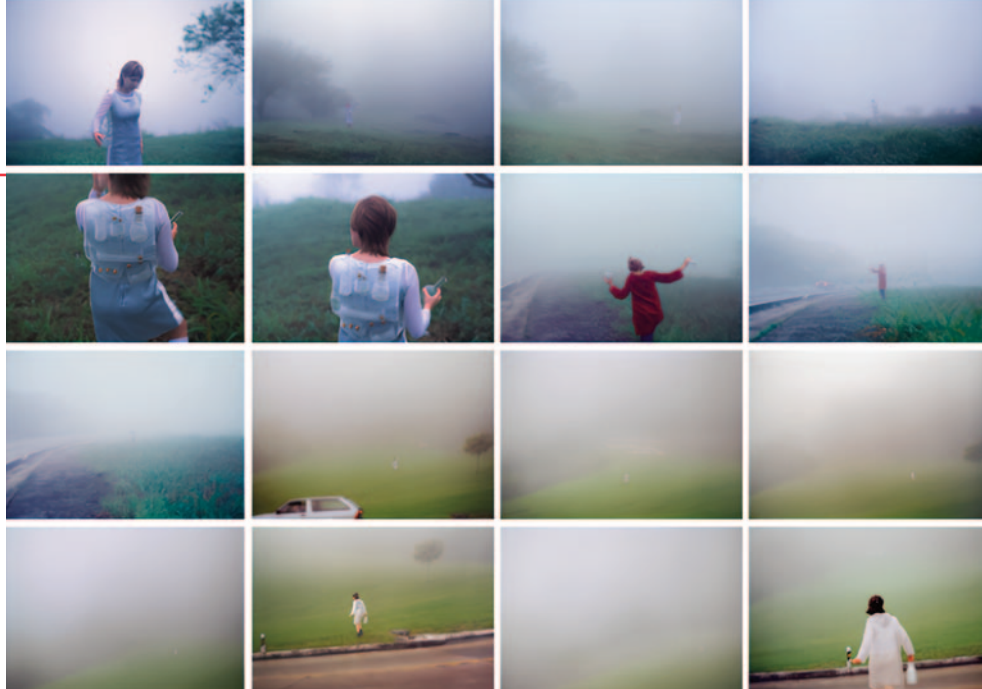
Anna Bella Geiger, *Correntes culturais dependentes / Correntes culturais dominantes*, 1976-2022

Foto: Jaime Acioli

Beatriz Milhazes, *Tonga II*, 1994

Foto: Sergio Guerini





Brígida Baltar,
*A coleta da
neblina*,
1996-1999

"Manto" (2025), uma escultura em papel de Iole de Freitas, foi criada especialmente para a exposição. Mariana Manhães, Ana Miguel, Ana Matheus e a curadora Katia Maciel também criaram trabalhos exclusivos para a mostra.

A sexualidade, desafios e impasses enfrentados pela mulher também estão delineados em *"O início do mundo"*. Entre os exemplos, as obras de Ana Vitória Mussi – *"A nadadora"* (1972); *"Bixinha Ouriço"*, de Lyz Parayzo; e *"Vênus"*, de Celeida Tostes. Duas obras de Lygia Pape – a serigrafia *"Eat me"* (1975), e a escultura *"O olho do guará nº 13"* (1984), em pele sintética, gesso e luminária de neon, são carregadas de sensualidade e apelo sensorial. As mãos, na instalação *"Armadilha"* (da série *"Touch"*), de Regina Silveira, convidam a uma parceria, para o jogo *"cama de gato"*.

ARTE POLÍTICA

Neste segmento, Bárbara Wagner traz a fotografia *"Sem título VIII"* (da série *"Jogo de Classes"*), 2013, e Sonia Andrade, que também foi uma pioneira da

videoarte no Brasil, discute a mídia em seu vídeo *"Intervalo, Wädenswil, Suíça"* (1983, 3'50").

A escultura *"Sem Título"*, 2012 de Sonia Gomes, faz parte da série *"Torções"*. É um conjunto de obras escultóricas em que a artista utiliza tecidos, fios, arames e transforma-os através de costura, torção, amarração



Maria Martins,
Autorretrato
Foto: Jaime Acioli

Lyz Parayzo, *Bixinha Ouriço*, 2022

Foto: Filipe Berndt

Lygia Pape, *Eat me*, 1975

Foto: Jaime Acioli

e encapamento. *Torções* descreve um dos processos centrais na criação dessas obras, onde os materiais são moldados e dobrados para criar formas e volumes complexos. De certa maneira, a obra de Sonia Gomes amarra todos os símbolos pertinentes daquilo que chamamos de *início*.

AS OBRAS EXPOSTAS SÃO DAS ARTISTAS:

Maria Martins (1894-1973), Maria Leontina (1917-1984), Mira Schendel (1919-1988), Fayga Ostrower, (1920-2001), Lygia Clark (1920-1988), Lygia Pape (1927-2004), Celeida Tostes (1929-1995), Leticia Parente (1930-1991), Gerty Saruê (1930), Claudia Andujar

(1931), Anna Bella Geiger (1933), Wilma Martins (1934-2022), Sonia Andrade (1935-2022), Regina Silveira (1939), Neide Sá (1940), Anna Maria Maiolino (1942), Ana Vitória Mussi (1943), Wanda Pimentel (1943-2019), Iole de Freitas (1945), Sonia Gomes (1948), Marcia X (1949-2005), Maria-Carmen Perlingeiro (1952), Lenora de Barros (1953), Carla Guagliardi (1956), Simone Michelin (1956), Cristina Salgado (1957), Ana Linnemann (1958), Ana Maria Tavares (1958), Brígida Baltar (1959-2022), Enrica Bernardelli (1959), Livia Flores (1959), Beatriz Milhazes (1960), Fernanda Gomes (1960), Jac Leirner (1961), Leda Catunda (1961), Ana Miguel (1962), Bel Pedrosa (1962), Rosângela Rennó (1962), Katia Maciel (1963), Rosana Palazyan (1963), Adriana Varejão (1964), Analu Cunha (1964), Rivane Neuenschwander (1967), Laura Lima (1971), Angélica Freitas (1973), Aline Motta (1974), Mariana Manhães (1977), Lia Chaia (1978), Chiara Banfi (1979), Bárbara Wagner (1980), Maria Laet (1982), Sallisa Rosa (1986), Anna Costa e Silva (1988), Rose Afefé (1988), Maíra Senise (1989), Sofia Caesar (1989), Andréa Hygino (1992), Lyz Parayzo (1994) e Ana Matheus Abbade (1996).

SERVIÇO

"O início do mundo"

Até 18 de outubro

Pinakothke Cultural

Rua São Clemente 300, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 18h;

sábados e feriados das 10h às 16h

Para informações e agendamento de visita guiada gratuita:

(21) 2537-7566 | E-mail: contato@pinakothke.com.br

Entrada gratuita

Celeida Tostes, *Vênus*

Foto: Ana Pigosso



Sonia Gomes, *Sem Título (da série Torções)*, 2012

Foto: Reprodução /

Site do Prêmio Pipa – <https://www.premiopipa.com/pag/sonia-gomes/>

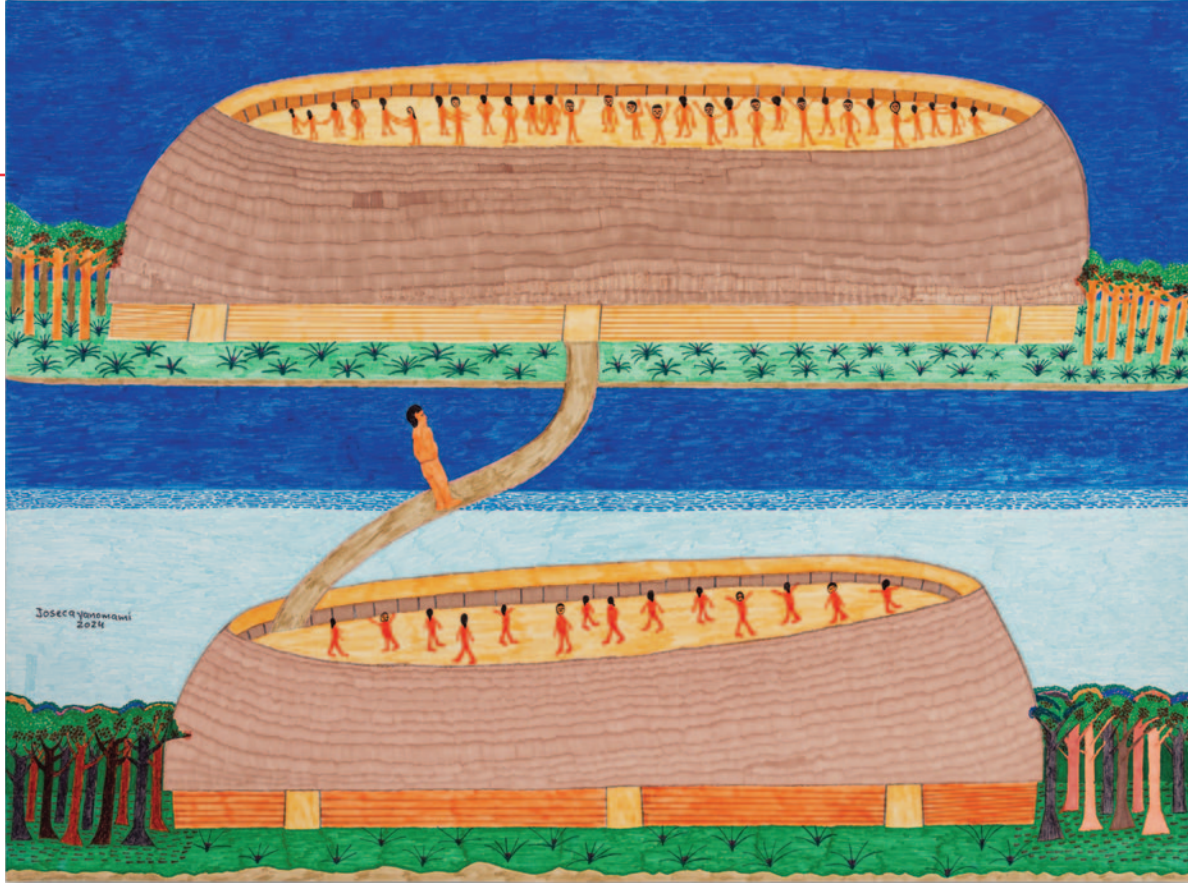


Foto: Filipe Berndt

URIHI MÃRIPRAI – SONHAR A TERRA-FLORESTA, de JOSECA YANOMAMI, na Almeida & Dale, SP

*Mostra exhibe desenhos criados a partir dos sonhos do artista,
em diálogo com a tradição espiritual yanomami. A curadoria é de Bruce Albert*

A obra de Joseca Mokahezi Yanomami tem como ponto central a tradução da cosmologia yanomami em narrativas visuais. Os desenhos do artista dão corpo às histórias dos tempos ancestrais e às múltiplas dimensões da terra-floresta – conceito que vai além de um espaço físico e une a floresta, os rios, os espíritos, os animais e os humanos em um sistema vivo e interdependente, visível somente aos xamãs. É essa atmosfera quase onírica que compõe a exposição na galeria Almeida & Dale, com curadoria assinada por Bruce Albert.

Nos desenhos e telas de Joseca encontram-se minúcias e cores vibrantes de entidades, lugares e episódios evocados pelos cantos dos grandes xamãs de sua comunidade. Sua obra conduz os visitantes a uma viagem por universos humanos e não-humanos que se entrelaçam em uma rede complexa, cujas imagens são reveladas aos xamãs por meio de sonhos e cantos. Inspirado por seus sonhos, Joseca transpõe, sobre papel ou tela, as imagens sonhadas, alcançando os múltiplos universos que constituem a “terra-floresta-mundo”, *urihi a*.

A exposição *Urihi mairiprai – Sonhar a terra-floresta* apresenta cerca de 30 obras que são espécies de “capturas de tela” oníricas, *stills* do filme metafísico desenrolado pela trama narrativa ancestral dos cantos xamânicos yanomami. *“Para tornar visível o poder desse pensamento onírico, Joseca Mokahezi Yanomami se apropriou de certos traços de nosso realismo figurativo, com o qual foi confrontado na escola de sua comunidade quando adolescente. Desde então, passou a transformá-los a serviço de um estilo radicalmente original que poderíamos qualificar de 'realismo xamânico', em alusão ao célebre 'realismo mágico' literário”,* explica o curador Bruce Albert.

Parte fundamental da mostra, os trabalhos da série *Urihi a nēmari* vêm acompanhados de títulos-descrições escritos por Joseca na língua yanomami e que partilham sua cosmovisão. Para além do gesto artístico, sua produção é também um movimento de tradução entre mundos. Trata-se de uma linguagem híbrida, enraizada na cosmologia yanomami, com o objetivo de estabelecer uma comunicação com os jovens de sua comunidade e sensibilizar os não-indígenas (*napëpë*) para a beleza, profundidade e urgência de preservar esse modo de vida ameaçado.

SOBRE O ARTISTA

Joseca Mokahezi Yanomami (1971, Rio Uxi u, Terra Indígena Yanomami, Brasil) vive e trabalha na comunidade Buriti, Terra Indígena Yanomami. Filho de um grande xamã, desde jovem criava desenhos efêmeros pela floresta. Foi a partir da relação com não-indígenas que passou a utilizar papel, lápis e caneta em sua produção, apropriando-se desses materiais e, simul-



Foto: Filipe Berndt

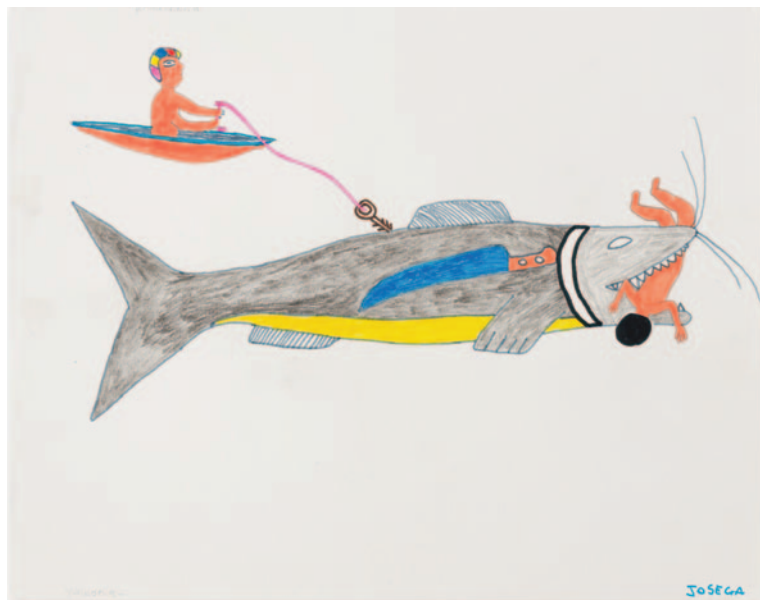


Foto: Julia Thompson

Foto: Filipe Berndt



taneamente, do conceito ocidental de arte. Na década de 1990, Joseca fundou a primeira escola yanomami em sua comunidade, incentivando jovens e crianças a se alfabetizarem na língua yanomae. Participou também da produção de diversas cartilhas bilíngues (yanomae/português) para os programas de educação escolar e de saúde.

A convite de Bruce Albert, antropólogo e amigo de longa data, o artista participou em 2003 de sua primeira exposição, *L'Esprit de La Forêt*, na Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, Paris, França, e começou a circular em exposições nacionais e internacionais. Sua primeira individual, *Kami Yamakî Urihipë (Nossa Terra-Floresta)*, foi no MASP, São Paulo, em 2022. Participou da 60ª Bienal de Veneza, Itália (2024). Destacam-se também dezenas de exposições coletivas no Brasil, China, Austrália, Japão e Itália, entre outros países. Sua obra está presente nas coleções da Fondation Cartier pour l'art Contemporain, França; MAM São Paulo; e MASP. A representação de Joseca Yanomami é uma parceria entre a Almeida & Dale e a Hutukara Associação Yanomami.

SOBRE BRUCE ALBERT

Bruce Albert (Marrocos, 1952) é antropólogo francês e trabalha com os Yanomami desde 1975. Co-autor, com Davi Kopenawa, de *A Queda do Céu, Palavras de um Xamã Yanomami* (2015) e *O Espírito da Floresta* (2022), ambos publicados pela Companhia das Letras. Bruce Albert participou em 1978 da fundação da ONG Comissão Pró-Yanomami, em que conduziu com Davi Kopenawa, Claudia Andujar e Carlo Zacchini uma campanha nacional e internacional em prol da homologação da Terra Indígena Yanomami, conquistada em 1992.

SERVIÇO

Urihi mairiprai – Sonhar a terra-floresta, de Joseca Yanomami

Até 11 de outubro

Almeida & Dale

Rua Fradique Coutinho, 1360, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 16h

Entrada gratuita

Foto: Filipe Berndt



Foto: Julia Thompson



Foto: Divulgação

“ANTES, PORVIR”, DE MARIA ANDRADE, NA OÁ GALERIA, ES

Resultado de uma investigação visual amadurecida ao longo dos últimos anos, em diálogo com experiências vividas durante residência artística no Marrocos, *Antes, porvir* apresenta dois conjuntos de obras que revelam diferentes aspectos da poética da artista. Em comum, as camadas temporais que se sobrepõem, ora como

aura espiritual, ora como paisagem fabulada, apontam para tempos não lineares, simultaneamente passados e futuros, em suspensão.

As pinturas de grandes dimensões têm forte apelo cromático e gestual. A abstração densa e vibrante su-



Foto: Divulgação

gere paisagens que flutuam entre o mítico e o imaginado. As obras de menor dimensão investem na linguagem da paisagem para evocar silêncios e sutilezas, com atmosferas construídas a partir de manchas, transparências e linhas que se insinuam entre pintura e desenho.

O texto curatorial é assinado por Marina Frúgoli, que destaca o caráter experimental da produção recente de Andrade e sua relação intuitiva com o tempo, a forma e a matéria.

TEXTO CURATORIAL, POR MARINA FRÚGOLI

Dourados são os muros de terracota no Marrocos quando vistos ao sol, ou pelo menos assim permaneceram na memória de Maria Andrade. Talvez sejam âmbar, mas me interessa mais a possibilidade e a incerteza do que a definição precisa. Dourada é a bruma que habita a produção mais recente da artista. Tendo realizado uma residência artística no Marrocos em 2023, a vivência parece ainda ressoar em sua produção recente, não mais como um assunto direto, mas como um pano de

fundo. A exposição *“Antes, porvir”* apresenta dois conjuntos de trabalhos, ambos reveladores de diferentes aspectos da poética de Andrade.

Por um lado, um conjunto de obras com maiores dimensões e tendência abstrata presentifica temporalidades múltiplas. São quase paisagens. Com uma aura dourada, as pinturas parecem movidas por uma intuição profunda, por uma espiritualidade. O uso intenso de cores aproximadas expressa-se de forma livre, onde transparências nos deixam ver sobreposições de camadas de tempos que se emaranham, como se fosse possível dali fazer uma arqueologia que nos revelaria tanto algo do passado quanto do futuro.

Além da insistência da cor, algumas formas também reaparecem de forma incessante, como a figura da pedra-portal-montanha. O que a pedra quer nos dizer? Saberíamos ouvi-la? Seria ela um empecilho no meio do caminho ou um portal-passagem para outra dimensão? Quando Ney Matogrosso canta *“Pedras so-*

nhando com britadeiras / Cada ser tem sonhos à sua maneira”, me lembro da capacidade imaginativa de todos os seres, inclusive daqueles supostamente sem vida. Maria Andrade transforma-se em meio para a expressão da própria pedra. Sempre aberta à experimentação, parte da repetição de tais formas se deu pela utilização de carimbos aplicados sobre as pinturas, técnica nova na prática da artista. Sempre cambiante, a experimentação é um aspecto constante na sua produção, assim como suas pinceladas gestuais feitas com determinação e rapidez.

Do outro lado, temos obras em pequenos formatos, onde a paisagem propriamente dita é o gênero que dá o tom do conjunto. De forma mais sutil, uma poeira dourada também habita o conjunto. Paisagem, sempre a paisagem. Não importa se tais lugares existem ou se são pura ficção, fruto da imaginação da pintora. Não há um compromisso com o realismo, mas sim com a própria pintura. Aqui, vemos composições sem céu, mata densa, sobreposições, transparências, silhuetas que se formam com a retirada de tinta, manchas que viram flores e pedras, linhas que viram galhos, pinturas que flertam com o desenho. Figura e fundo por vezes se mesclam. Interessa o gesto inacabado que traz a sugestão das formas e convida quem vê a obra a completá-las em sua mente. Nelas, traços característicos da artista se fazem presentes, assim como a recorrência no uso de cores inusitadas, que não condizem com referentes da natureza.

No conjunto, camadas de tempo se compilam, se sobrepõem, se insinuam, simultaneamente ocultando e

revelando aquilo que não sabemos se vem antes ou depois, se já ocorreu ou se ainda está por vir, mas que coexistem no momento presente.

SOBRE A ARTISTA

Maria Andrade (São Paulo, 1967) vive e trabalha em São Paulo. Desde 1992, participa de exposições individuais e coletivas com pinturas a óleo abstratas e figurativas, além de esculturas em zinco e lata. Entre suas mostras individuais mais recentes estão *Sem Sombra de dúvidas* (2022), na Galeria Marília Razuk, com texto de Rodrigo Naves, e *Cerrado* (2021), na Boiler Galeria, com curadoria de Tiago Mesquita. Sua trajetória também inclui atuação como ilustradora, animadora e coordenadora de oficinas educativas.

SERVIÇO

“Antes, porvir”, de Maria Andrade

Até 24 de outubro

OA Galeria

Av. César Hilal, 1180, loja 9, Praia do Suá, Vitória / ES

Tel.: (27) 99944-5001

E-mail: contato@oagaleria.com.br

Dias/Horários: segunda a sexta (exceto feriados), das 10h às 19h

Foto: Divulgação





Obra de Armarinhos Teixeira
Foto: Divulgação

“Manobras Contemporâneas”, na a.thebaldigaleria, Rio de Janeiro

*Exposição propõe diálogo
entre as obras de Armarinhos Teixeira,
Evandro Soares, Marcelo Solá
e Rafael Vicente, sob curadoria
de Vanda Klabin*

Com pesquisas artísticas completamente distintas e naturais de diferentes estados do Brasil, Armarinhos Teixeira, Evandro Soares, Marcelo Solá e Rafael Vicente inauguram a mostra coletiva “*Manobras Contemporâneas*” no dia 11 de setembro, às 14h, na a.thebaldigaleria, com curadoria assinada por Vanda Klabin. O diálogo proposto entre seus trabalhos, no entanto, revela particular conexão através de uma sinuosidade contemporânea: cada artista introduz sua própria investigação, questionando o espaço e os materiais em suas produções. Seja através da pintura, escultura ou instalação, cerca de 40 obras exibem um tensionamento poético entre forma, matéria e conceito, convidando o espectador a refletir sobre as fronteiras da arte atual.

OS ARTISTAS

Armarinhos Teixeira – Armarinhos Teixeira vive e trabalha em São Paulo. Nos anos 1980, deu início às oficinas de arte no Centro Cultural São Paulo e, mais tarde, aprimorou-se nas oficinas de arte da USP. Desde os anos 1990, estuda a morfologia dos elementos que estão entre a cidade, a mata e as áreas áridas. Armarinhos Teixeira cria pontes entre a arte e a ciência. Ocupando o território da Bioarte, busca a incorporação de uma compreensão do mundo vivo, ambientalmente sustentável e potencialmente regenerativo. A integração de processos artísticos e naturais determina o conceito da Bioarte.



Evandro Soares – Nascido no sertão de Piritiba (1975), na região da Chapada Diamantina, na Bahia. Aos dois anos, se muda para o Morro do Chapéu com a família – lá iniciou a vida profissional como aprendiz de serralheiro. Aos dezenove anos, já habilitado em seu ofício, vai para Goiânia, passa a frequentar exposições e ateliês de artistas e inicia sua trajetória no mundo da arte, criando obras com soldas, martelos e serras. Em 2012, é premiado na *Bienal Naífs do Brasil*, em Piracicaba, São Paulo; no ano seguinte participa do Salão de Arte Contemporânea de Jundiaí, onde também é premiado.



Obra de Evandro Soares

Foto: Divulgação

Marcelo Solá – Nascido em Goiânia (1971), onde vive e trabalha, Marcelo Solá possui sua obra orientada para a nova área limítrofe do desenho, um desenho-pintura, às vezes desenho-instalação, ou com a inserção de objetos. Sempre como atividade ampliada, quase obses-

Obra de Armarinhos Teixeira

Foto: Divulgação



Obra de Marcelo Solá

Foto: Divulgação

siva, e que vem adquirindo características fora do gênero. Sua produção vem atraindo a atenção da crítica; e o artista possui obras em coleções públicas tais como do MAM – SP, MAR – RJ e Museu de Arte de Recife – PE.

Rafael Vicente – Nascido em Niterói, no Rio de Janeiro (1986), Rafael Vicente possui um trabalho artístico bastante influenciado pela paisagem urbana. O artista faz uso notável das perspectivas e de uma paleta de cores que remete ao ambiente de grandes metrópoles. Suas pinturas se iniciam em telas e se expandem pelas paredes, invadindo o espaço expositivo. É bacharel em Pintura pela Escola de Belas Artes da UFRJ, frequentou o

curso de Análise e inserção na produção contemporânea com Iole de Freitas, na EAV, no Parque Lage, Rio de Janeiro. Rafael também cumpriu residências na França, Espanha e Moçambique.



Obra de Rafael Vicente

Foto: Divulgação

SERVIÇO

“Manobras Contemporâneas” – Armarinhos Teixeira, Evandro Soares, Marcelo Solá e Rafael Vicente

Abertura: 11 de setembro, terça-feira, às 14h

Visitação: até 28 de setembro

a.thebaldigaleria

WhatsApp: (21) 3325-3322

Casa Shopping, Av. Ayrton Senna, 2150, lojas F e M, bloco G, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: segunda a sábado, das 10h às 20h;

domingos, das 14h às 20h

www.thebaldigaleria.com



Aycoobo Wilson Rodríguez, *Calendário*, 2024

Foto: Eduardo Ortega

HISTÓRIAS DA ECOLOGIA NO MASP

*Coletiva internacional conecta questões locais e globais
por meio de diálogos entre artistas do Brasil e do mundo, muitos dos quais
expõem pela primeira vez na América Latina*

A mostra ocupa todos os espaços expositivos do Edifício Pietro Maria Bardi e reúne mais de 200 obras de artistas, ativistas e movimentos sociais de 22 países, entre os quais Colômbia, Islândia, Japão, Nova Zelândia, Peru e Turquia. A exposição investiga a ecologia como uma rede de relações entre seres vivos e o mundo que habitam, colocando em diálogo trabalhos de co-

munidades, territórios e ecossistemas de diferentes locais ou períodos. A curadoria é de André Mesquita e Isabella Rjeille, ambos do MASP.

A escolha curatorial se afasta da concepção de uma natureza apartada da sociedade ou que compreende o ser humano como hierarquicamente superior. “É comum

que meio ambiente e ecologia sejam tratados como sinônimos. No entanto, escolhemos ecologia para abranger um sistema de relações entre humanos e mais que humanos – animais, plantas, rios, florestas, montanhas, fungos e minerais. Não conseguimos pensar a natureza separada do humano”, diz André Mesquita.

Os trabalhos selecionados revelam perspectivas artísticas em comum a respeito da ecologia ou de enfrentamentos aos efeitos da crise climática global, propondo uma reflexão poética sobre o tema ao evidenciar o fator humano e as implicações de marcadores sociais da diferença, como gênero, raça e classe. Em uma ordem linear, *Histórias da ecologia* é dividida em cinco núcleos temáticos: *Teia da vida*; *Geografias do tempo*; *Vir-a-ser*; *Territórios, migrações e fronteiras*; e *Habitar o clima*.

Teia da vida aborda diferentes percepções dessa rede de inter-relações – das cosmovisões indígenas às disputas por poder, influência e território. A obra *The Political Life of Plants* (2021) retrata complexos entrecruzamentos entre as plantas e outros seres. O vídeo acompanha o artista Zheng Bo (China, 1974) em uma caminhada por uma floresta de faias em Bradenburgo, na Alemanha. Durante o percurso, Bo conversa com os cientistas Matthias Rillig, especialista em biodiversidade e ecologia do solo, e Roosa Laitinen, que investiga a plasticidade genética das plantas. Os temas de suas pesquisas se entrelaçam às reflexões do artista e aos sons e imagens da floresta.

Geografias do tempo reúne olhares indígenas, afrodiaspóricos, rurais e urbanos sobre a terra e o cosmos, a vida e a morte, a regeneração e o cuidado. A obra *Ca-*



Zheng Bo, *The Political Life of Plants*, 2021 Foto: Still / Site do artista

lendário (2024), de Aycoobo Wilson Rodríguez, (La Chorrera, 1967), artista colombiano da etnia nonuyamuinane, traz uma perspectiva indígena amazônica sobre a temporalidade cíclica da natureza. O desenho revela um sistema de marcação temporal que transcende a lógica linear ocidental, associando a passagem do tempo às transformações vividas pelas árvores, plantas, animais e rios da floresta amazônica. Já Ana Amorim (São Paulo, 1956) tem uma abordagem íntima e processual da temporalidade urbana. Em *Passage of Time Study* (2018), durante todas as noites, por um período de um mês, a artista brasileira registra o mapa do seu dia e um número localizador. O resultado é um conjunto de 31 desenhos feitos com caneta esferográfica sobre papel.

Vir-a-ser investiga as relações entre seres humanos e mais-que-humanos, além de modos simbólicos, espirituais e materiais que estruturam esses vínculos. A série de desenhos *Tentativas de criar asas* (década de 2000), de Rosana Paulino (São Paulo, 1967), evoca

seres híbridos em constante transformação – trata-se de figuras femininas que tecem teias, rompem casulos ou ganham asas, libertando-se de estruturas que já não lhes servem mais, à semelhança de alguns insetos. A série fotográfica *Corpoflor* (2016-presente) propõe um hibridismo radical entre o corpo humano e o de outros seres da natureza. Em retratos e autorretratos, Castiel Vitorino Brasileiro (Vitória, ES, 1996) revela corporalidades imprevistas que transcendem as normas de gênero e sexualidade, criando formas de existir que resistem às categorizações binárias impostas pela sociedade.



Castiel Vitorino Brasileiro, *Sem título*, da série *Corpoflor*, 2016-em processo



Rosana Paulino, *Tentativa de criar asas*, do *Caderno de possibilidades de voo (reais ou imaginárias)* ou *Caderno de figuras aladas*, década de 2000

Foto: Filipe Berndt

Territórios, migrações e fronteiras se debruça sobre os deslocamentos forçados, fluxos migratórios e fronteiras físicas e sociais. A escultura *Refugee Astronaut XI* (2024), de Yinka Shonibare (Londres, 1962), representa migrantes, estrangeiros e refugiados contemporâneos. Desde 2015, o artista produz figuras em tamanho real

de astronautas nômades, equipados com capacetes e vestidos com uma roupa espacial cujos tecidos se inspiram nos padrões africanos. Esses personagens parecem vagar sem rumo, à deriva, entre mundos devastados. Os astronautas de Shonibare carregam os traumas da crise climática e dos ecocídios que expulsam milhões de seus territórios de origem.

Habitar o clima sintetiza e, ao mesmo tempo, amplia questões centrais presentes nos demais núcleos de *Histórias da ecologia*. Nele estão reunidos trabalhos de artistas, coletivos e movimentos que investigam táticas de ocupar, experienciar e imaginar radicalmente a cidade e o campo. A instalação inédita *Descida da terra/trabalho das águas* (2025), de Cristina T. Ribas (São Borja, RS, 1980), reflete sobre os efeitos das enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul em 2023 e 2024. O trabalho comissionado pelo MASP consiste em um tecido translúcido suspenso diagonalmente no espaço expositivo, impresso com imagens que revelam como as águas

redesenham a geografia de rios, lagos e bacias hidrográficas, impactando mais de 650 mil pessoas.

“Histórias da ecologia transita entre diferentes saberes: o geológico, o biográfico, o ancestral, o espiritual, o comunitário, o local, o planetário. Essas intersecções ampliam a visão sobre o que está em jogo na atual crise climática – não como um evento isolado, mas enraizado em estruturas coloniais e patriarcais que condicionam os modos de habitar o planeta”, afirma Isabella Rjeille.

SERVIÇO

Histórias da ecologia

De 4 de setembro até 1º de fevereiro de 2026
MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand
— Edifício Pietro Maria Bardi — 2o ao 6o andar
Avenida Paulista, 1578, Bela Vista, São Paulo / SP
Tel.: (11) 3149-5959

Dias/Horários: terças grátis, das 10h às 20h (entrada até as 19h); quarta e quinta, das 10h às 18h (entrada até as 17h); sexta, das 10h às 21h (entrada gratuita das 18h às 20h30); sábado e domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h); fechado às segundas.

Agendamento on-line obrigatório pelo link masp.org.br/ingressos
Ingressos: R\$ 75 (inteira); R\$ 37 (meia-entrada)



Marcela Cantuária,
Margarida Alves, 2020.
Foto: Eduardo Ortega

Carmézia Emiliano, Moqueando peixe, 2020
Foto: CABREL | Estúdio de imagem



IVAN GRILO e FERNANDO VELÁZQUEZ na Zipper Galeria, SP



Fernando Velázquez, *Biastíario: matriz das malícias*
Foto: Zipper Galeria / Divulgação



Ivan Grilo, *cheguei, cheguei. lar, lar, lar.*
Foto: Divulgação

*Mostras paralelas exploram temas como inteligência artificial,
pertencimento e memória*

As duas individuais apresentam pesquisas que ampliam debates em torno da tecnologia, da interioridade e das formas de existência. Em *cheguei, cheguei. lar, lar, lar.*, Ivan Grilo investiga, com base na meditação Thich Nhat Hanh, o habitar como estado de presença e consciência na atualidade. No andar superior da galeria, em *Bias-tiário: matriz das malícias*, Fernando Velázquez aprofunda sua pesquisa com inteligência artificial ao integrar novos eixos: o pós-humano, o pós-orgânico e o pós-ecológico.

Em *cheguei, cheguei. lar, lar, lar.* Ivan Grilo apresenta uma exposição que nasce de um ritmo respiratório. Inspirada em uma meditação de Thich Nhat Hanh, a individual não se trata apenas de moradia, mas de um espaço onde a vida se pacifica, uma geografia íntima onde a respiração se assenta.

No livro *Filosofia da Casa*, Emanuele Coccia escreve que a casa é o lugar onde o mundo se condensa e se

torna íntimo. A busca por desacelerar o ritmo cotidiano, fragilizado por sistemas que demandam resultados imediatos e alienação crescente, se transmite em um conjunto de obras em linho, textos em bronze e imagens que reconstroem o espaço doméstico tradicional. O bronze, material resistente, carrega inscrições que vão de haicais a listas cotidianas, enquanto o linho, delicado e vulnerável, remete à efemeridade da memória.

As fotografias que compõem a exposição revelam uma sequência simbólica de contato, ascensão, transcendência e, finalmente, o lar enquanto espaço sagrado e mental. Uma placa em ouro maciço encerra a experiência, provocando uma reflexão sobre o que garante a permanência das palavras, o suporte material ou a sua significação íntima.

Segundo Natália Lage, autora do texto curatorial: “as demandas por eficiência, utilidade e resultados palpáveis tem nos feito – a todos nós – reféns de um

Ivan Grilo, *Contato, anunciação, ascensão, transcendência, lar*, 2025

Foto: Divulgação



sistema que promete equilíbrio enquanto dissimula não estar em colapso. Para referências que comprovem esse fato, basta olhar para o lado: desigualdades, sobretudo em nosso país; guerras infantis entre gente grande de grandes nações; e projetos bem forjados de obsolescência programada pelas grandes corporações tecnológicas, sustentando um



De cima para baixo:
Ivan Grilo, *O milagre só obedece ao amor*, 2025;
A casa como corpo, o corpo como prece, 2025
Fotos: Divulgação

COLAPSO FUTURO E TECNOLOGIA

Na sua quinta individual na Zipper Galeria, *Biastário: matriz das malícias*, Fernando Velázquez aprofunda sua pesquisa com inteligência artificial ao integrar os eixos: o pós-humano, o pós-orgânico e o pós-ecológico. O título funde as palavras *bias* (viés, em inglês) e *bestiário* – livros medievais que reuniam imagens de criaturas fantásticas usadas como material pedagógico.

A mostra propõe um futuro em que biosfera e tecnosfera colapsam; e carne, silício e glitch se tornam indistintos. As imagens, geradas por IA, dialogam com a

vertiginoso e crescente desperdício de recursos e um consumo excessivo. Isso sem falar na profusão de mecanismos de alienação, que vão dos remédios às redes sociais. Perdeu o ar? Pois bem, o objetivo é mesmo este. ‘cheguei, cheguei. lar, lar, lar.’ é um convite à respiração, ao fugidio momento presente, tão sucateado pelas pressões externas”.



Ivan Grilo, *Texto, tecido, linha, linho #22 Telhado*, 2025
Foto: Divulgação

história da arte e sugerem um neoclassicismo reconfigurado, como se fossem vestígios encontrados nas ruínas de uma civilização extinta. Instalada como se fosse uma capela, com imagens cobrindo paredes e teto, a exposição convoca a refletir que novas formas de existência estamos inadvertidamente gerando.

Dois outros núcleos compõem a mostra: três blocos de chumbo com tipos móveis e um vídeo interativo. Os blocos contêm frases e poemas curtos, prolongando uma prática textual recorrente do artista. Dizeres como “Assistido por IA” ou “A obra de arte na era da estocás-

tica algorítmica” ativam ecos benjaminianos sobre técnica e reprodução, enquanto a materialidade do chumbo evoca um passado gráfico que aqui se comporta como dataset ancestral.

O vídeo é composto por mais de mil imagens exibidas em alta velocidade, formando uma névoa perceptiva quase ilegível. Um pedal interativo permite ao visitante interromper esse fluxo e explorar frame a frame, como quem dissipa uma alucinação. A obra traz percepção, tempo e agência, entre o gesto maquínico e o olhar contemplativo.

A exposição condensa vetores centrais da trajetória de Velázquez: técnica como modeladora da subjetividade e da sensibilidade; à aceleração da percepção; a materialidade invisível do digital; as agências compartilhadas entre o humano e a máquina; e o papel da ficção na construção de futuros.

Em meio ao sequestro algorítmico da imaginação, *Biaستیاری: matriz das malícias* cria um espaço ambíguo que recusa tanto distopia quanto utopia. Ao friccionar corpo e sistema, sujeito e técnica, reflete, assim, sobre o que restará de humano quando a tecnologia se torne espécie, e nós, apenas sua memória residual.

SERVIÇO

cheguei, cheguei. lar, lar, lar, lar. – Ivan Grilo

Biaستیاری: matriz das malícias – Fernando Velázquez

Até 4 de outubro

Zipper Galeria – zippergaleria.com.br

Rua Estados Unidos, 1494, São Paulo / SP

Dias/Horários: de segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábados, das 11h às 17h

Gratuito

Fernando Velázquez, *Biaستیاری: matriz das malícias*
Fotos: Zipper Galeria / Divulgação





WALDEMAR CORDEIRO
"GENTE GRAU 2" - COMPUTER OUTPUT - 1972
INSTITUTO DE ARTES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
COM A COLABORAÇÃO DO LACLO-SP
SERIES OF COMPUTERS AND DATA

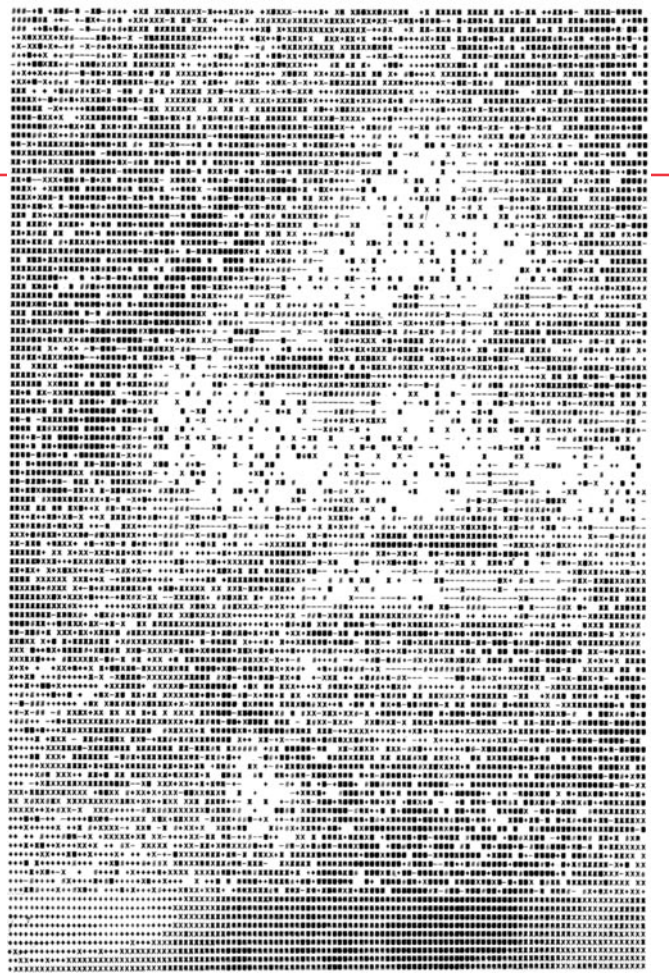
CEM ANOS
DE WALDEMAR
CORDEIRO
NA LUCIANA BRITO
GALERIA, SP

*Múltiplo por vocação,
o artista ítalo-brasileiro
redefiniu os rumos das artes
brasileira e latino-americana
do século 20.*

*Ele foi o primeiro artista brasileiro
– e um dos pioneiros no mundo –
a utilizar o computador
como ferramenta criativa,
nos anos 1960 e 70.*

*A mostra reúne cerca de 25
trabalhos emblemáticos
do artista*

*Gente Grau 2,
1972*



Talvez o que melhor define o aspecto transdisciplinar e visionário da obra de Waldemar Cordeiro seja sua incursão no campo da arte computacional, na virada para os anos 1970. Para isso, ele desenvolveu uma “nova gramática visual”, uma maneira de expandir a lógica construtiva do concretismo para um ambiente regido por códigos e variáveis. No entanto, até de forma paradoxal, pela primeira vez ele optou por humanizar o discurso visual, trazendo a figura humana para sua pesquisa, além do uso e funcionalidade do computador. Waldemar Cordeiro foi o primeiro artista brasileiro – e um dos pioneiros no mundo – a utilizar o computador como ferramenta criativa, numa época em que o acesso a essas máquinas era restrito a instituições acadêmicas e centros de pesquisa.

Destaque na mostra, obras da série *Gente* (1972-1973) foram realizadas a partir da apropriação de uma imagem de multidão. Com a ajuda de Giorgio Moscati, do Departamento de Física da USP, Waldemar Cordeiro criou uma metodologia própria, onde utilizava elementos figurativos de fotografias como objetos para experimentações visuais. Depois de passar por digitalização, essas imagens eram convertidas em dados numéricos (tramas gráficas). Essas tramas poderiam ganhar mais ou menos saturação por meio da programação algorítmica, desenvolvendo nuances que podem ser identificadas nos diferentes graus atribuídos à série pelo artista. A exposição apresenta também *Massa* sobre indivíduos (1964), obra emblemática realizada a partir da imagem original da série *Gente*.

Cem Anos de Waldemar Cordeiro apresenta também obras da série *Derivadas de uma imagem* (1969), con-

A Mulher Q N E BB, 1947

siderada um marco para a arte digital no Brasil – foi a primeira a ser produzida pelo artista, e *A mulher que não é B.B* (1973), outro trabalho emblemático dessa fase, ambas acompanhadas das suas imagens originais.

Para *Derivadas de uma imagem*, o artista utilizou a fotografia de um jovem casal romântico, extraída de um poster de dia dos namorados. Já para *A mulher que não é B.B* (1973) foi usada a imagem de uma garota vietnamita vítima da guerra, publicada pela Time Magazine, sob contexto de contraposição à atriz francesa Brigitte Bardot, sex symbol e modelo da mulher perfeita da época, que havia causado furor no Brasil com sua visita. Essa é a única obra de computador que segue um viés político-social. Ainda como parte da mostra, outras obras praticamente inéditas compõem a mostra, como

Unicamp (1973), onde ele trabalhou a visualidade abstrata ao processar no computador uma imagem do prédio da universidade.

A investigação com computador inscreve Waldemar Cordeiro em uma genealogia nacional e internacional da arte, não apenas pelo experimentalismo formal e quebra de paradigmas na criação e produção da arte, mas também como um ato poético e social. Em 1971, a exposição internacional de arte de computador, *Arte-ônica*, organizada por ele, estabeleceu definitivamente o uso das novas mídias eletrônicas na produção artística. O termo foi justamente criado pelo artista para unir arte e eletrônica e é atualmente o único que contempla plenamente todas as fases do uso da eletrônica na história da arte. Inserido no contexto brasileiro de modernização, ele entendia que essas novas tecnologias poderiam transformar não só a arte, mas a própria experiência coletiva, abrindo caminhos para novos modos de imaginar e projetar o mundo. Waldemar Cordeiro, dessa forma, antecipou as práticas que hoje reconhecemos como parte do campo da arte generativa, ressoando inclusive com produções contemporâneas de programação criativa e inteligência artificial.

SOBRE WALDEMAR CORDEIRO

1925, Roma, Itália-1973, São Paulo, Brasil.

Waldemar Cordeiro foi uma das figuras mais importantes para a instauração da Arte Concreta, movimento de vanguarda fundamental para transição da Arte Moderna para a contemporaneidade, o que viria a definir a arte brasileira do século 20. Além de ser pioneiro na arte de computador ainda no final da década de 1960,

Waldemar Cordeiro desenvolveu e implementou projetos paisagísticos relevantes no Brasil. Em sua pesquisa interdisciplinar, defendia a pintura em sua essência, com linhas e cores básicas que se sustentam por si só, sem o respaldo da representação figurativa. Primava por uma arte objetiva e racional, muito associada aos seus estudos teóricos, além da investigação de materiais e elementos industriais. Waldemar Cordeiro trabalhava por uma arte acessível a todos, buscando um senso coletivo que se alinhava também à tecnologia, ao design e ao paisagismo. Sua pesquisa na arte sempre esteve associada a uma preocupação social e política.

SERVIÇO

“Cem Anos de Waldemar Cordeiro”

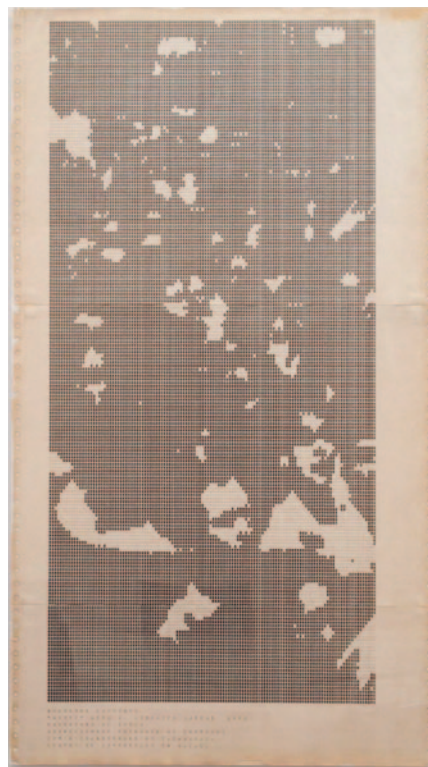
Até 4 de outubro

Luciana Brito Galeria

Av. Nove de Julho, 5162, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda, das 10h às 18h; terça a sexta, das 10h às 19h; sábado, das 11h às 17h

www.lucianabritogaleria.com.br



Gente Grau 6, 1972



Semente de Humbi, Série Humbiumbi, 2023

Foto: Flávio Freire

ÀKÙKO, EIYÉLE E EKODIDÉ – UMA REVOADA DE ALBERTO PITTA

Alberto Pitta tem recebido, no Brasil e no exterior, um crescente reconhecimento de sua produção. Participa da 36ª Bienal de São Paulo e apresenta, na Galeria Nara Roesler São Paulo, 24 trabalhos inéditos e recentes, em pintura e serigrafia sobre tela

Uma das figuras centrais do Carnaval de Salvador, no qual atua há mais de 45 anos, o artista Alberto Pitta apresenta *“Àkùko, Eiyéle e Ekodidé – Uma revoada de Alberto Pitta”*, na Galeria Nara Roesler São Paulo, com 24 obras recentes e inéditas do artista, nascido em Salvador, em 1961. A exposição apresenta pinturas e serigrafias sobre tela e um carrinho de cafezinho, em madeira; numa vitrine estão expostos desenhos sobre papel, de várias épocas, que mostram seu processo criativo.

Em comemoração à mostra foi lançado o livro *“Alberto Pitta”* (Nara Roesler Books, 2025), em edição bilíngue (português/inglês), com 152 páginas, no formato de 17,5 x 24,5 cm e capa dura com serigrafia. O texto é assinado por Galciani Neves, curadora da mostra. A edição inclui ainda uma entrevista concedida pelo artista a Jareh Das, curadora que vive entre a África Ocidental e o Reino Unido. A introdução é de Vik Muniz, amigo do artista desde que ambos participaram da exposição *“A Quietude da Terra: vida cotidiana, arte contemporânea e projeto axé”*, com curadoria de France Morin, no Museu de Arte Moderna da Bahia, em 2000.

HISTÓRIAS PRIMORDIAIS

A curadora observa que, nos trabalhos de Alberto Pitta, *“as formulações espirituais são traduções visuais que apresentam as divindades, os orixás e seus ensinamentos. Um compêndio de símbolos reinterpretados pelo artista prima pela beleza das formas. As histórias primordiais contadas nas telas identificam as figuras que, no passado mítico, participaram dos acontecimentos – e que, no agora, ocorrem como chaves de decifração oracular da vida. Sua produção envolve um ver como artista que rima com aprender sobre a vida”*.



Foto: Divulgação

Alberto Pitta foi criado entre panos e tecidos trabalhados por sua mãe, a ialorixá Anísia da Rocha Pitta e Silva, conhecida como Santinha de Oyá, do Ilê Axé Oyá, costureira e bordadeira do elaborado em ponto richelieu, além de educadora. Desde cedo o artista compreendeu a importância das vestimentas como ferramentas de transmissão das cosmovisões africanas – uma forma de inserir o homem na natureza e colocá-lo em contato com seus ancestrais.

Na entrevista dada a Jareh Das – co-curadora da mostra *“Catch the Invisible” (Capturar o invisível)* na Galerie Atiss, em Dacar, no ano passado, em que Pitta fez a escultura monumental *“O barco do assentamento”* – o artista conta que a serigrafia *“permite a produção em grande escala, embora ainda artesanal”*.

– Tenho um acervo de mais de duzentas matrizes serigráficas, desenvolvidas ao longo de mais de 45 anos. Em minhas obras, faço sobreposições de diversas estampas e cores, criando diferentes composições com resultados ímpares e quase infinitos. Quando Bonaventure (Soh Bejeng Ndikung, curador da 36ª Bienal de São Paulo) esteve aqui em meu ateliê, em 2024, e viu todas as matrizes enfileiradas, chamou-as de “biblioteca”. Nunca tinha pensado nelas assim, mas faz muito sentido.



Olodum:
Tropicalismo,
o movimento,
1994

Foto: Reprodução /
Livro Alberto Pitta /
Flávio Freire

Galciani Neves aponta o “senso de coletividade” existente no ambiente no qual Alberto Pitta vive como elemento fundamental no trabalho do artista. – *Localizado no bairro do Pirajá, em Salvador, o ateliê de Pitta habita o mesmo espaço do Instituto Oyá, fundado por Mãe Santinha de Oyá em 1990* – relata. – *O Instituto nasceu com vocação educativa; oferece programação de arte-educação e aulas de reforço escolar para as crianças da vizinhança.*

– *Pitta pensa com arte desde sua raiz, como uma espécie de pedagogia da alegria* – diz Galciani Neves – *Articula sua produção de maneira indissociável de toda essa multiplicidade de atividades, linguagens e instâncias vitais, por conviver com as pessoas que frequentam e usufruem da programação oferecida ou que participam de seus projetos; age com rigor e com uma escuta muito sensível aos processos de experimentação poética* - avalia.

ÀKÙKO, EIYÉLE E EKODIDÉ

A curadora destaca que Àkùko, Eiyéle e Ekodidé, os pás-

saros da tradição yorubá, que se apresentam como seres divinos, se espalham a partir de uma organização cromática do espaço da galeria Nara Roesler. – *Eles habitam a primeira série de trabalhos, na qual predominam composições em preto, branco, vermelho e amarelo, como se dessem boas-vindas ao público; em seguida explodem em cores vibrantes e composições multicoloridas, para encantar; e, por fim, acontecem na calmaria de telas brancas, onde distintos matizes de branco compõem o trabalho* – destaca.

– Àkùko é frequentemente associado a um galo – o mensageiro do tempo, que anuncia o dia, explica a ancestralidade e afirma a continuidade da vida. Eiyéle é a pomba branca, que traz a paz, a harmonia e a bem-aventurança. Por sua elegância e plumagem, Eiyéle também simboliza honra e prosperidade. Ekodidé é a única pena vermelha de um pássaro ou o papagaio, um símbolo de proteção, vitalidade, realeza. Sua pena é um elemento natural e uma presença essencial nos rituais de iniciação, para afastar energias negativas e consagrar objetos – conta Galciani Neves.



Revoada, 2025

Foto: Flávio Freire

O MUSEU E A RUA

Segundo Vik Muniz, *“Pitta é protagonista e produto desse encantamento pleno de tradição, mas não vazio de liberdade. Sua pintura se alimenta diretamente da pesquisa e do trabalho com seus tecidos e eventos. Muito da nossa amizade de quase três décadas decorre desse importante discurso entre o museu e a rua. E, nessa equação, Pitta aparece sempre como a pecinha que faltava no quebra-cabeças do popular e do erudito”* – salienta o artista. – *O barracão de cerimônias do Ilê Axé Oyá foi desenhado por Lina Bo Bardi (1914-1992) e projetado e adaptado por Marcelo Suzuki, na época em que a arquiteta viveu na Bahia para fazer projetos no centro histórico da cidade* – explica.

CARRINHOS DE CAFEZINHO

Na Nara Roesler São Paulo, Alberto Pitta mostra um carrinho de cafezinho feito em madeira, na forma de

um caminhão de brinquedo, em alusão aos “carrinhos de cafezinho”, muito comuns em Salvador, usados pelos vendedores ambulantes para vender café, normalmente já adoçado com açúcar, colocado em garrafas térmicas e servido em copos de plástico. Para a exposição *“A Quietude da Terra: vida cotidiana, arte contemporânea e projeto axé”*, em 2000, no Museu de Arte Moderna da Bahia, com curadoria de France Morin, Alberto Pitta desenvolveu um projeto inspirado no seu envolvimento duradouro com esses carrinhos de cafezinho desde os treze anos de idade, quando criou seu primeiro carrinho de cafezinho.

SERVIÇO

“Àkùko, Eiyéle e Ekodidé – Uma revoada de Alberto Pitta”

Até 26 de outubro

Nara Roesler, São Paulo

Avenida Europa, 655, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2039-5454 | info@nararoesler.art

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 15h

<https://nararoesler.art/>

Entrada gratuita



O grande pássaro, 2025

Foto:
Flávio Freire

Três exposições movimentam
a Galeria Almeida & Dale, SP,
nos meses de setembro e outubro

HORIZONTE DOURADO, DE ANA ELISA EGREJA



Casa Campo Belo, 2025

Foto: Sérgio Guerini



Sem título, 2025
Foto: Estúdio em Obra

Com curadoria de Lilia Schwarcz, a mostra apresenta uma série inédita de pinturas de pratos Duralex em composições com peças de jogos americanos, expandindo a investigação da artista sobre os objetos do ambiente doméstico e suas reverberações históricas e afetivas por meio de virtuosas representações de alimentos e dos efeitos do vidro. A exposição apresenta, ainda, um conjunto de pinturas com aplicações de folha de ouro, criando diálogos entre a produção da artista e a representação pictórica na história da arte, mais especificamente a do período medieval. São naturezas-mortas e grandes cenas de interior nas quais motivos do cânone artístico e da cultura popular brasileira se misturam.

“A partir da memória afetiva da infância, a artista faz do vidro (uma constante em seu trabalho) um duplo: tanto o suporte como o que se deixa ver através do suporte são transformados em uma espécie de teatro da realidade”, explica a curadora da mostra. “Nas mãos da artista, as naturezas-mortas são humanizadas pelo uso dos jogos americanos, que introduzem a irregularidade de seus tecidos, os gostos e as subjetividades de seus antigos donos. Viram objetos de arte, cuja beleza é feita do gosto mais cotidiano e comensal”, complementa.

Natureza morta com mangostins
e estrelas Giotto, 2025
Foto: Estúdio em Obra



Prato duralex com maracujá, 2025

Foto: Estúdio em Obra



ESTE NORTE 2025, DE EMMANUEL NASSAR



Luz Amarela, 1997

Foto: Estúdio em Obra

A mostra revisita quatro décadas da produção do artista paraense. Com texto crítico de Victor Gorgulho, apresenta obras criadas desde a década de 1980 até trabalhos inéditos, traçando um panorama instigante da produção de Nassar. São pinturas, objetos e peças da série *Trapioca* que representam o vocabulário visual construído pelo artista ao longo de quatro décadas. A exposição ressalta a posição singular – quase paradoxal – que Nassar ocupa na arte brasileira, ao articular signos das culturas populares e de massas do Norte do Brasil a vertentes como a pop arte e o concretismo.

De acordo com Victor Gorgulho, *"Em mais de quatro décadas dedicadas à prática artística, Nassar consoli-*

dou-se como um dos nomes mais emblemáticos do circuito da arte contemporânea brasileira, da década de 1980 aos dias atuais. O sujeito e o Brasil são dois temas eternamente onipresentes na obra de Emmanuel Nassar. O território do artista informa e atravessa sua obra de modo visceral", sintetiza.

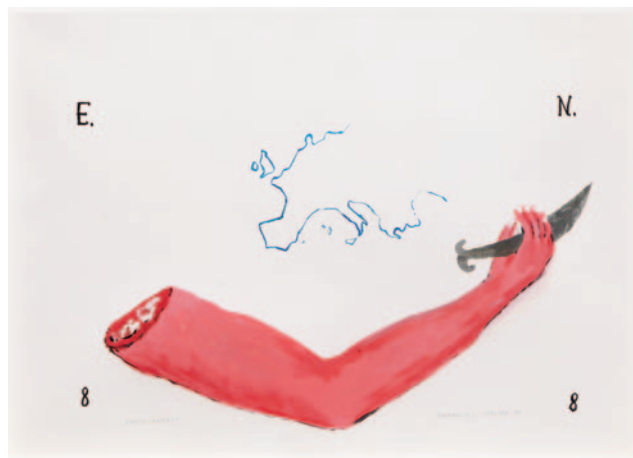


Leaves, 2024

Foto: Ana Pigosso

Braço Armado, 1988

Foto: Estúdio em Obra



COLETIVA THE FABRIC OF BEING



Sarah Zapata, *A constant distance between (diptych)*, 2025

Foto: Estúdio em Obra

A coletiva *The Fabric of Being*, com curadoria de Larry Ossei-Mensah, reúne trabalhos de Antonio Társis, Brooklin Soumahoro, Esther Mahlangu, Lidia Lisbôa, Moffat Takadiwa, Rubem Valentim, Sarah Zapata, Sidney Amaral e Sonia Gomes – artistas situados no Brasil, África do Sul, Zimbábue, Inglaterra e Estados Unidos.

O curador revela que, mais do que obras permeadas por afinidades formais, na mostra *"a abstração se torna uma estratégia para o envolvimento mais profundo – um meio de acessar histórias, sentimentos e futuros frequentemente relegados às margens das narrativas dominantes"*. São trabalhos que entrelaçam memórias e gestos visuais transitórios, em contraponto à ideia de uma identidade fixa.

"The Fabric of Being reúne artistas cujas práticas são profundamente arraigadas em legados pessoais, culturais e ancestrais. Suas obras formam uma constelação de gestos visuais, materiais e espirituais que reimaginam a abstração não como modo de escape, mas como ferramenta de invocação. Neste espaço, a forma se torna linguagem, o material se torna memória e o ato criativo se torna uma maneira de preservar espaço para o que, muitas vezes, permanece não dito ou não visto", conclui o curador Larry Ossei-Mensah.

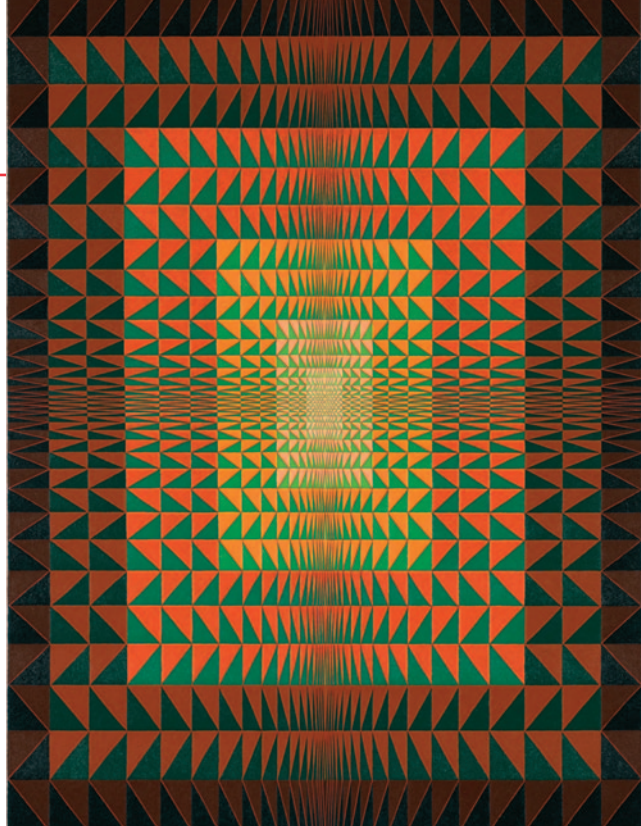
SERVIÇO

Almeida & Dale

Dias/Horários: segunda a sexta, das 10h às 19h; sábado, das 11h às 16h

Entrada gratuita

<https://almeidaedale.com.br/>



Brooklin A. Soumahoro, *Window, Org/Grn.1.24*, 2024
Foto: Sérgio Guerini



Esther Mahlangu, *Sem título*, da série *Abstrato Ndebele*, 2019
Foto: Sérgio Guerini

Ana Elisa Egreja: Horizonte dourado

Até 25 de outubro

R. Fradique Coutinho, 1430, São Paulo / SP

Emmanuel Nassar: Este Norte 2025

Até 11 de outubro

R. Fradique Coutinho, 1430, São Paulo / SP

The Fabric of Being

Até 4 de outubro

R. Fradique Coutinho, 1360, São Paulo / SP



Lidia Lisbôa,
Sem título,
da série *Fetos*,
2021
Foto: Estúdio em Obra



Sonia Gomes,
Sancte pater, s.d.
Foto: Sérgio Guerini

ARTRIO 2025 – MUSEU A CÉU ABERTO – PARADA 7

No Rio de Janeiro, segunda semana de setembro será dedicada à arte



Bandeira, Denilson Baniwa, *Por esperança além do horizonte*, 2020

Foto: Divulgação

As atividades culturais programados para invadir a cidade de 7 a 14 de setembro começam com a *Parada 7*, evento anual de arte, cultura e política que chega à sua quarta edição com o tema “*Imagine um novo mundo – bandeiras da utopia*”. Partindo do Museu de Arte

Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), bandeiras produzidas por 100 artistas serão levadas em cortejo pelas ruas da cidade, em direção ao Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, onde ficarão expostas até o dia 15 de novembro.



Bandeira, Matheus Ribbs

Foto: Divulgação

Pela primeira vez, além dos artistas brasileiros – Cildo Meireles, Denilson Baniwa, Ernesto Neto, Jarbas Lopes, Lenora de Barros, Mana Bernardes, Marcos Chaves, Matheus Ribbs, Opavivará, Regina Silveira e Sepideh Mehraban, entre outros – o evento contará também com a participação de 20 artistas estrangeiros, selecionados pela BRICS Arts Association, que lançará no Rio o primeiro número de sua revista.

“A Parada 7 é um meio de participação efetiva do universo da arte e da cultura na discussão dos problemas

do Brasil e do mundo, além de levar às ruas as manifestações da arte contemporânea. Um posicionamento marcante dos artistas que trazem a visão da arte sobre as questões cruciais do nosso tempo”, afirmam César Oiticica Filho e Evandro Salles, idealizadores e organizadores do evento.

Realizada desde 2022 no Rio de Janeiro, o cortejo reúne músicos, atores, poetas, dançarinos e artistas visuais que percorrem, juntos, algumas das principais ruas do centro da cidade, estabelecendo um diálogo direto com as pessoas que por elas transitam e que são convidadas a se juntarem ao grupo. Por meio de pinturas, danças, performances, poemas e cantos, os artistas propõem discussões sobre temas relevantes para a sociedade.

Este ano, as 100 bandeiras apresentam visões e reflexões sobre as principais questões contemporâneas: Qual a nossa utopia de mundo? Que mundo queremos construir? Como queremos que o nosso mundo seja? Como gostaríamos que a nossa civilização fosse? E o que queremos fazer de nosso planeta, a mãe Terra que nos acolhe, cria e alimenta?

SERVIÇO

Parada 7: Imagine um novo mundo – bandeiras da utopia

Cortejo Parada 7: Dia 7 de setembro, às 15h (concentração a partir das 13h no MAM Rio seguindo em direção ao Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica)

Exposição no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica

De 7 de setembro a 15 de novembro

Praça Tiradentes, 68, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2242-1012

Dias/Horários: de segunda a sábado, das 10h às 18h



Parada 7 2023
Fotos: Marcelo Valle

ARTRIO – MUSEU A CÉU ABERTO

A 15ª edição da ArtRio, que acontece na Marina da Glória entre os dias 10 e 14, também irá se espalhar pela cidade; e promete transformar as ruas do Rio em um verdadeiro museu a céu aberto. Em parceria com a Clear Channel, serão espalhados por toda a cidade posters de obras de 15 grandes artistas brasileiros, entre os quais Vik Muniz, Djanira, Anna Bella Geiger, Bruno Lyfe, Miguel Rio Branco, Lucia Laguna e Mulambö.

“Queremos que toda a cidade e seus visitantes vivenciem o espírito da ArtRio e tenham contato com a arte em seu cotidiano. Essa campanha foi criada exatamente para estimular esse contato e despertar a curiosidade de saber mais sobre aquele artista ou obra. A ArtRio extrapola o espaço da feira e efetivamente faz

uma ocupação artística em todo o Rio”, afirma Luisa Sá, gerente de Marketing da ArtRio.

A 15ª edição da ArtRio terá mais de 80 expositores, além de jardim de esculturas, performances e conversas com artistas e curadores.

SERVIÇO

ArtRio

10 a 14 de setembro

Marina da Glória

Av. Infante Dom Henrique, S/N, Glória, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: quarta, dia 10, das 14h às 20h; quinta e sexta, dias 11 e 12, das 13h às 20h; sábado, dia 13, das 14h às 20h; domingo, dia 14, das 14h às 20h

Ingressos em <https://godream.com.br/evento/artrio-2025-feira-de-arte-do-rio-6913722?>



ARTRIO

Bruno Lyfe
Anita Schwartz
Galeria de Arte

10-14 | 09 | 2025
MARINA DA GLÓRIA



ARTRIO

Mulambö
Portas Vilaseca

10-14 | 09 | 2025
MARINA DA GLÓRIA



ARTRIO

O Bastardo
A Gentil Carioca

10-14 | 09 | 2025
MARINA DA GLÓRIA



The Genesis Exhibition: Do Ho Suh: Walk the House, na Tate Modern



Rubbing / Loving Project: Seoul Home, 2013-2022

Foto: Sebastian Mrugalski

*Visitar The Genesis Exhibition: Do Ho Suh: Walk the House na Tate Modern
é ser confrontada por uma pergunta: o que significa ter uma casa?*



Nest/s, 2024

Foto: Jeon Taeg Su

O espaço me recebe com um hanok coreano, erguido não em madeira ou concreto, mas em papel. Cada folha foi pressionada contra a casa de infância do artista e depois esfregada com grafite (*frottage*), revelando cada textura. O papel está gasto, amarelado, marcado pela umidade. Ainda assim, resiste. Parece um memorial – à infância, à arquitetura, ao tempo que passa e insiste em permanecer.

Essa operação de *frottage* ao espaço até arrancar-lhe uma memória, ressurgue também em *Rubbing/Loving: Company Housing of Gwangju Theater* (2012). Nessa obra, Suh e seus assistentes cobriram com papel o interior de um edifício que permanecera vazio após o Massacre de Gwangju, em 1980, quando o governo militar sul-coreano reprimiu brutalmente os protestos populares. Vendados, eles friccionaram as paredes,

Robin Hood Gardens, Woolmore Street, London E14 0HG, 2018

Foto: Still © Do Ho Suh



tentando resgatar aquilo que fora silenciado pela censura: a memória de um trauma coletivo apagado da história oficial. Um canto do espaço, curiosamente, não foi tocado por ninguém – como se o vazio também tivesse sua forma de se impor. Hoje, a obra aparece desdobrada em estrutura bidimensional, como se fosse a planta baixa de uma ausência. Entre o íntimo e o político, ela revela como a casa pode ser não só abrigo, mas também testemunho, arquivo e ferida.

Avanço pela exposição e encontro os corredores de tecido translúcido, coloridos. São casas portáteis, feitas de náilon e organza, que deixam o corpo atravessar suas paredes. Há uma delicadeza nos detalhes: batentes, interruptores, maçanetas. Enquanto caminho, penso que talvez o lar esteja mesmo nesses pequenos detalhes. O filósofo francês Bachelard escreveu que a casa guarda nossas lembranças mais íntimas nos cantos e objetos mais banais – e percebo como as costuras de Suh tornam visível essa poética do espaço.

Mas essas casas não se enraízam. Elas podem ser dobradas, guardadas, transportadas em uma mala. Habitar, aqui, não é fixar-se, mas mover-se. Ao atravessá-las, penso que habitar é criar raízes, encontrar solo firme no mundo. E, no entanto, diante dessas arquiteturas frágeis, percebo que

*Perfect Home: London, Horsham,
New York, Berlin, Providence,
Seoul (detalhe), 2024*

Foto: Jeon Taeg Su



Nest/s (detalhe), 2024

Foto: Jeon Taeg Su



Rubbing / Loving: Company Housing of Gwangju Theater, 2012

Foto: Prudence Cuming Associates





Home Within Home (1/9 Scale), 2025, installation view
Foto: Tate / Jai Monaghan



Perfect Home: London, Horsham, New York, Berlin, Providence, Seoul, 2024, installation view
Foto: Tate / Sonal Bakrania



Nest/s, 2024, installation view
Foto: Tate / Jai Monaghan

habitar pode ser também aprender a carregar o espaço conosco, como uma segunda pele.

São casas que acolhem, mas que também se mostram frágeis demais para oferecer abrigo definitivo. Um lar que conforta, mas que não protege por inteiro. Talvez seja nesse entre-lugar que o artista vive – não de um lado ou de outro, mas na passagem, no intervalo.

Há algo de melancólico em atravessar essas estruturas. Elas são reconstruções, mas também fantasmas. Memórias que não podem ser recuperadas por completo, só evocadas em forma de espectro. E ao caminhar por dentro delas, sinto que entro em lembranças que não são minhas, mas que poderiam ser.

Alguns críticos disseram que Suh transforma arquitetura em memória visível. Concorro, mas diria ainda que ele nos lembra de algo mais: que todo lar, mesmo o mais sólido, é sempre frágil e transitório. Reconheço nos tecidos coloridos e nas paredes de papel uma verdade simples e difícil – a casa não é apenas o lugar onde moramos, mas aquilo que carregamos conosco, no corpo e na memória.

Quando deixo a galeria, levo comigo a sensação de que o lar nunca é fixo. Ele se desfaz

e se reconstrói dentro de nós, nos nossos deslocamentos, nos afetos, nas lembranças. O lar é um espaço portátil, feito de camadas frágeis, que nos acompanha como uma sombra. E talvez seja justamente nessa condição – entre o que se perde e o que se reinventa – que aprendemos, de fato, o que significa habitar.

SERVIÇO

The Genesis Exhibition: Do Ho Suh: Walk the House

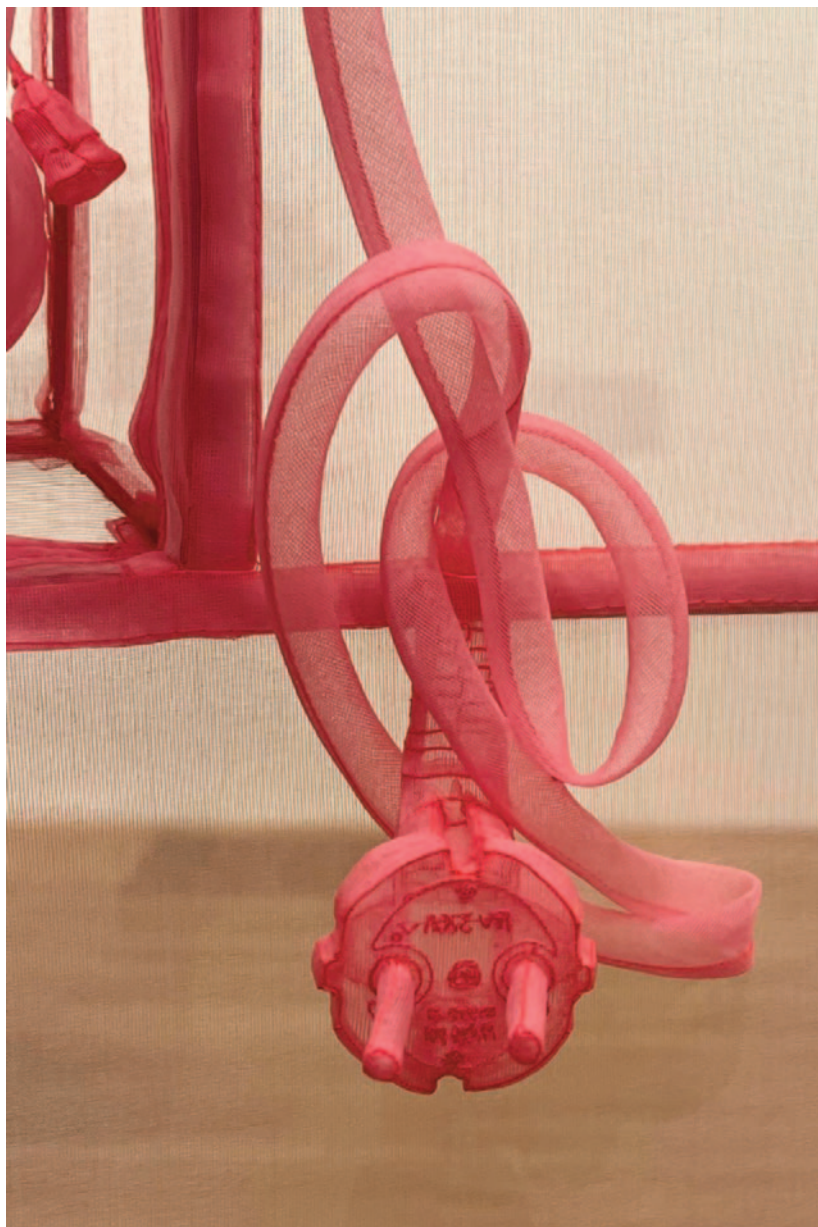
Até 26 de outubro

Tate Modern

Bankside, London SE1 9TG

<https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/the-genesis-exhibition-do-ho-suh>

Fotos: Maria Hermínia Donato



PAULO HERKENHOFF E AILTON KRENAK DUAS NOVAS MOSTRAS NO ITAÚ CULTURAL

Ocupação Paulo Herkenhoff – A exposição atravessa toda a história do capixaba nascido em 1949, que descobriu artistas, detectou tendências e movimentos artísticos, além de formar e ampliar coleções, sempre valorizando a diversidade da arte brasileira. Herkenhoff realizou centenas de exposições e geriu museus e instituições monumentais no Brasil e no exterior, como o Museu de Arte do Rio, Museu Nacional de Belas Artes, Bienal de São Paulo, MoMA, em Nova York, nos Estados Unidos, e Documenta de Kassel, na Alemanha. Entre cerca de 340 peças, a exposição se desdobra em três eixos: *Publicações*, *Exposições* e *Coleções*. O ponto alto da mostra reúne os seus *Cadernos de Anotações*, célebres na cena das artes visuais e com variedade ampla: se divide por artista, movimento cultural, período, estado e cidade. Entre os cadernos, estão os dedicados a Louise Bourgeois, Beatriz Milhazes, Tomie Ohtake, Arthur Bispo do Rosário, Flávio Shiró, Geraldo de Barros, Paulo Mendes da Rocha, Iberê Camargo. A mostra tem curadoria de Leno Veras.



Foto: Divulgação

Ocupação Ailton Krenak – A exposição traça o arco da vida de Ailton Krenak até hoje. Nascido no município de Itabirinha, em Minas Gerais, na região do Vale do Rio Doce, fará 72 anos no dia 29 de setembro. Além de contar a sua trajetória mais conhecida, a mostra também revela a sua produção poética: desenhos acondicionados em caderninhos com espiral e pinturas feitas com tinta a óleo, nanquim ou urucum representando a

fauna, os rios e os territórios indígenas. No total, a ocupação reúne mais de 90 peças, entre fotos, vídeos, recortes de jornais, livros publicados, além dos desenhos, pinturas, poemas clássicos e haicais. O espaço expositivo leva o vermelho do urucum, o preto do jenipapo e o verde da natureza como cores predominantes. Com realização, curadoria e expografia a cargo do Itaú Cultural, a exposição teve a consultoria de Angela Pappiani e Rita Carelli. A consultoria criativa foi desenvolvida por Moara Tupinambá e Ingrid Tupinambá.

Itaú Cultural / Ocupação Paulo Herkenhoff – piso Multiuso (2º andar) / Ocupação Ailton Krenak – térreo / Av. Paulista, 149, Bela Vista, São Paulo, SP / Dias/Horários: terça a sábado, das 11h às 20h; domingos e feriados, das 11h às 19h / Entrada gratuita

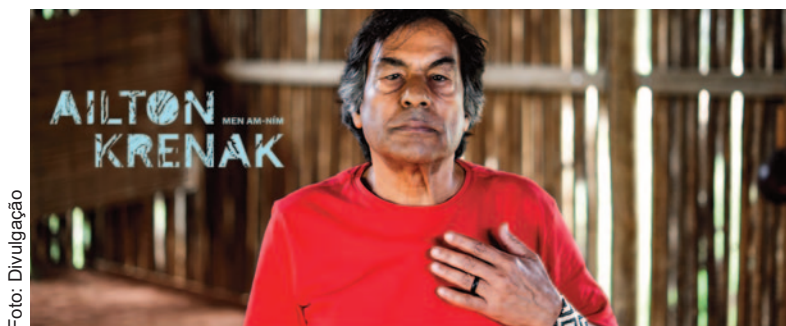
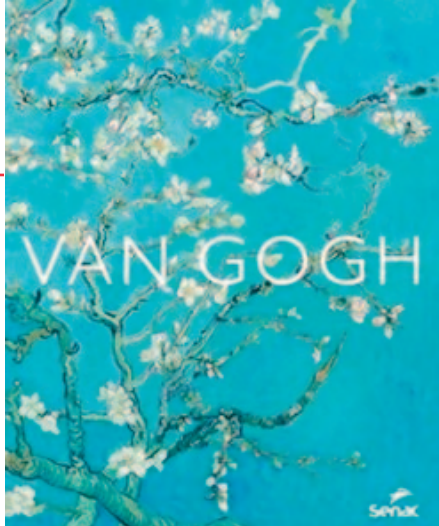


Foto: Divulgação

EDIÇÃO COMPILADA SOBRE A VIDA E OBRA DE VAN GOGH

A Editora Senac lança *Van Gogh*, livro de Anne Sefrioui, que conta a história do artista pós-impressionista e influenciador do expressionismo. A publicação aborda as diversas fases de Van Gogh, conhecido por pinceladas marcadas de cores vibrantes e muita expressividade, e que costumava pintar paisagens, naturezas-mortas, retratos e autorretratos, de forma bastante didática. Com histórias e curiosidades sobre cada gravura, a autora contextualiza o leitor para cada momento da vida artística do pintor, abordando estudos e técnicas utilizadas por ele. A capa reproduz a obra *“Amendoeira em Flor”*, pintura que permeia toda a lateral das páginas. Para uma análise mais aprofundada, o livro traz encartes que permitem ver, em tamanho maior, algumas de suas emblemáticas obras.



Van Gogh | Autora: Anne Sefrioui | Páginas: 126 | Preço: R\$ 199 |
Onde comprar: Editora Senac São Paulo – <https://www.editorasenacsp.com.br/livro/van-gogh-arte-cultura>

IV FESTIVAL SP CHORO IN JAZZ

Entre os dias 5 e 7 de setembro, acontece a quarta edição do *Festival SP Choro in Jazz* no palco do Teatro Paulo Eiró, na zona sul da capital paulista. O evento, com curadoria de Fabio Bergamini e Roberta Valente, tem ingressos a preços populares em todos os concertos e atividades. A atual edição do Festival faz homenagem a Hector Costita, saxofonista e maestro argentino radicado no Brasil, ativo aos 90 anos, e Laércio de Freitas, pianista, compositor e maestro paulista, falecido em 2024 aos 83 anos. Além das apresentações musicais, a programação traz uma aula-show de percussão para pais, mães e filhos, e o lançamento de dois livros de partituras: um deles de choro, outro de instrumental/jazz.

De 5 a 7 de setembro | Teatro Paulo Eiró | Av. Adolfo Pinheiro, 765, Santo Amaro, São Paulo, SP – Metrô Adolfo Pinheiro | Horários: sexta, às 21h; sábado, às 16h e 21h; domingo, às 18h e 19h | Ingressos: Concertos - R\$ 30,00 (inteira) e R\$ 15,00 (meia) – Aula-show - R\$ 20,00 (inteira) e R\$ 10,00 (meia) Vendas online: www.sympla.com.br | Acesse a programação: [@festivalspchoroinjazz](https://twitter.com/festivalspchoroinjazz) | Livre



Foto: Divulgação

NO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO PORGY AND BESS, DE GEORGE GERSHWIN

Com direção musical de Roberto Minczuk e direção cênica de Grace Passô, o universo multifacetado dessa ópera cruza as fronteiras do jazz, do teatro e da música clássica para contar uma história de luta e amor. As apresentações acontecem do dia 19 ao dia 27, na Sala de Espetáculos. A apresentação contará com o Coro Lírico Municipal, sob regência de Hernán Sánchez Arteaga, e com o Coral Paulistano, sob regência de Maíra Ferreira. A trama de *Porgy and Bess* gira em torno das dores e paixões dos moradores de Catfish Row, com personagens como Porgy, um homem humilde e com uma deficiência física, e Bess, em busca de redenção após uma vida de provações. Canções como *Summertime*, *My Man's Gone Now* e *I Got Plenty o' Nuttin* emergem como clássicos eternos, capturando a alma da música norte-americana. O baixo Luiz-Ottavio Faria interpreta Porgy em todas as récitas. No papel de Bess, Latonia Moore canta nos dias 19, 21 e 27, enquanto Marly Montoni assume a personagem nos dias 20, 23, 24 e 26.

De 19 a 27 de setembro | Teatro Municipal de São Paulo – Sala de Espetáculos | Praça Ramos de Azevedo, s/nº, Sé, São Paulo, SP | Ingressos: de R\$ 33 a R\$ 210 | Duração: aproximadamente 230 minutos, com intervalo | Mais informações em <https://www.theatromunicipal.org.br/>

"DOWNTON ABBEY: O GRANDE FINAL" CHEGA AOS CINEMAS DIA 11

A Universal Pictures lançou o primeiro trailer de *"Downton Abbey: O Grande Final"*, que marca o encerramento da trama após dois filmes e uma série televisiva com cinco temporadas. Michelle Dockery, vencedora de três SAG Awards pelo papel da protagonista, retorna para o último capítulo da franquia, que é um fenômeno global, como Lady Mary Talbot. Com estreia marcada para 11 de setembro, o drama tem direção de Simon Curtis e produção de Julian Fellowes, Gareth Neame e Liz Trubridge. A produção ainda conta com a participação de estrelas já conhecidas pelos fãs, entre

elas a indicada ao Oscar Elizabeth McGovern, Samantha Bond, da franquia “007”, Hugh Bonneville, de “*Paddington: Uma Aventura na Floresta*”, e Jim Carter, de “*Wonka*”. Ambientado no verão de 1930, “*Downton Abbey: O Grande Final*”, apresenta pela última vez os personagens que cativaram milhões de fãs, no momento em que a aristocracia e os empregados enfrentam novos desafios, romances, escândalos e transformações sociais. Lady Mary assume o controle de Downton em meio ao seu divórcio e novos relacionamentos, simbolizando o choque entre tradição e modernidade.

Assista ao trailer oficial: <https://www.youtube.com/watch?v=9ee-QAKgbnQ8>

Foto: Divulgação



REALIDADE VIRTUAL E ARTE RUPESTRE EM EXPERIÊNCIA INÉDITA NO RIO DE JANEIRO

A exposição “*Arte Rupestre e Realidade Virtual*”, na Casa da Ciência da UFRJ, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro, combina tecnologia imersiva, ciência e arte para recriar cavernas pré-históricas e revelar o fascinante patrimônio arqueológico brasileiro. Com óculos

de realidade virtual, recursos de realidade aumentada, fotos e documentários, a mostra conduz o visitante a uma viagem que une pré-história e pós-modernidade, aproximando gerações da cultura e das histórias deixadas pelos primeiros habitantes do continente americano – registros que, segundo pesquisas recentes, podem ter deslocado em 30 mil anos a data estimada da chegada do homem às Américas. Documentários e galerias de fotos de três dos mais importantes sítios arqueológicos brasileiros – Serra da Capivara (PI), Peruaçu (MG) e Monte Alegre (PA) – completam a exposição, que promove também ciclos de palestras, debates e atividades paralelas,

Até 14 de dezembro | Casa da Ciência da UFRJ | Rua Lauro Müller, 3, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ | Dias/Horários: terça a sexta, 9h às 20h; sábados, domingos e feriados, 10h às 17h | Agendamento de escolas ou grupos: agendamento@casadaciencia.ufrj.br | Entrada gratuita | Vídeo de apresentação: <https://vimeo.com/1105243747/9a6278aa5b?ts=0&share=copy>



Foto: Divulgação

FESTIVAL VISÕES PERIFÉRICAS – INSCRIÇÕES ABERTAS

Estão abertas as inscrições para o 19º Festival Visões Periféricas, evento anual de cinema voltado a produções audiovisuais das periferias brasileiras ou que



Flyers de divulgação

abordem temáticas marginalizadas. Valem filmes de curta, média e longa metragens, produzidos a partir de setembro de 2024. As inscrições devem ser feitas no site do festival, de forma online e gratuita, até 20 de setembro. São três mostras competitivas: *Fronteiras Imaginárias*, voltada a filmes de até 25 minutos produzidos por realizadores independentes de todo o Brasil; *Cinema da Gema*, para filmes de até 25 minutos produzidos no Estado do Rio de Janeiro; e *Panorâmica*, para filmes com duração de no mínimo 40 minutos (média e longa metragens). Os filmes selecionados serão divulgados em dezembro e exibidos em março de 2026, de forma presencial no Rio de Janeiro e online.

Inscrições até 20 de setembro | Regulamento: <https://www.visoes-perifericas.com.br/regulamento>

CENTRO CULTURAL CORREIOS RJ QUATRO NOVAS EXPOSIÇÕES

Nesse vão breu onde nossos sonhos se encontram e dançam juntos – Classificação Indicativa: 10 Anos

A mostra apresenta os desdobramentos da residência em pesquisa xow.rumi – programa interdisciplinar de diálogos e experimentações artísticas. Com curadoria de Vinícius da Silva, a coletiva reúne um conjunto inédito de obras e processos desenvolvidos a partir da vivência imersiva entre artistas e curadores residentes, permeada pelo afeto, pela escuta e compartilhamento de suas práticas. Artistas participantes: Agatha Fiúza, Agatha Maria, Anastasia Diavasti, Ayesha Ghaoul, Bárbara Santos & Nicolás Cancino, Danilo Nóbrega, David Bergé, Frekwência, João Porto, Jorge de Leon, Ju Angelino, Mari Falcão, Marina Dubia, Melgga, Randy Rojas, Rodrigo Araya e Tom Grito.

Correspondências: Memórias e Identidade

Classificação Indicativa: 14 Anos

A exposição coletiva parte da apresentação dos livros de artista, que ultrapassam o formato tradicional para dialogar com instalações, pinturas, colagens, bordados e outras linguagens. A mostra estabelece uma reflexão sobre a materialidade da escrita e a memória afetiva das trocas epistolares; explora formas de comunicação que vão além da palavra e valoriza a escuta, a presença e o tempo nas relações humanas. Com curadoria de Fabiola Notari, reúne 46 obras de 22 artistas contemporâneos: Aline Cavalcante, Ana Cris Rosa, Célia Alves, Christina Parisi, Clarissa M Zelada, Claudia Souza, Cris Marcucci, Daniela Karam Vieira, Irene Guerreiro, Leonor Décourt, Lidia Sumi, Lídice Salgot, Lucia Mine, Lucimar Bello, Maíra Carvalho, Margarida Holler, Renata Danicek, Rosa Grizzo, Sandra Lopes, Teresa Ogando, Tuca Chicalé e Vitória Kachar.

A cor do tempo – Carolina Martinez

Classificação Indicativa: Livre

A artista apresenta uma seleção de obras recentes, realizadas entre 2022 e 2025, pontuada por trabalhos produzidos há mais de uma década, além de fotografias polaroid originais e pinturas em papel que marcaram o início de sua prática. Por meio de forma, luz e cores, capturados a partir de um olhar atento sobre os espaços, tempos e afetos, as obras evidenciam os elementos que marcam o caminho percorrido pela artista. Há nos trabalhos de Carolina a forte presença do imponderável e do impalpável – uma impermanência que se revela diante da permanência dos espaços construídos, das paredes, dos pisos e telhados que envolvem a

vida e onde se sobrepõem memórias, vivências, acúmulos de tempo, de palavras, de dor e de alegrias.

O Que te Separa de Mim?

Classificação Indicativa: Livre

Instalação site-specific, acompanhada de um parque de esculturas, que ocupa a praça do Centro Cultural Correios. A mostra convida os visitantes a refletir sobre as segregações, em diferentes camadas. Criada pela artista Patrícia Guerreiro, a exposição faz parte da pesquisa da artista, que se interessa por pessoas excluídas pela objetificação e violência.

Todas as mostras até 27 de setembro, à exceção de “A cor do tempo”, até 25 de outubro / Abertura da exposição “A cor do tempo”: 9 de setembro, das 16h às 20h / Centro Cultural Correios Rio de Janeiro / R. Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro, RJ / Dias/Horários: terça a sábado, das 12h às 19h / Entrada gratuita

SAMBA ARTE CONTEMPORÂNEA, RJ MOSTRA COLETIVA – 16 ARTISTAS

A exposição “A Montanha como Metáfora – ou o tempo”, apresenta obras que são fruto do programa de residência artística online, coordenado pela curadora e crítica de arte Daniela Labra, fundadora da plataforma ZAIT. Com trabalhos desenvolvidos em mídias e suportes variados, os 16 participantes demonstram o comprometimento com uma pesquisa poética individual – e suas obras refletem a prática artística consciente, voltada à experimentação e à criação em um contexto global cada vez mais marcado pela homogeneização estética e pela transformação da vida em mercadoria. Artistas: Aldenor Prateiro, Almany Jr., Arthur Caaniga, Breno de Sant’ana, Cali Cohen, Clara Tibery, Grasi Fernasky, Karen Vieira, Luciana Boaventura, Maria Lucia Simonsen, Neyde Lantyer, Odette Boudet, Raquel Ide, Renata Freitas, Simone Fontana Reis e Tatiana Coelho.

Abertura: 13 de setembro, às 16h | Visitação: até 5 de outubro / Samba Arte Contemporânea | Estrada da Gávea, 899, 2º piso, Fashion Mall, São Conrado, Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 3082-0337 – info@sambaartecontemporanea.com / Dias/Horários: de segunda a sábado, das 10h às 20h; domingos e feriados, das 14h às 20h / Entrada livre



Exposição “A Montanha como Metáfora – ou o tempo”
obra de Cali Cohen

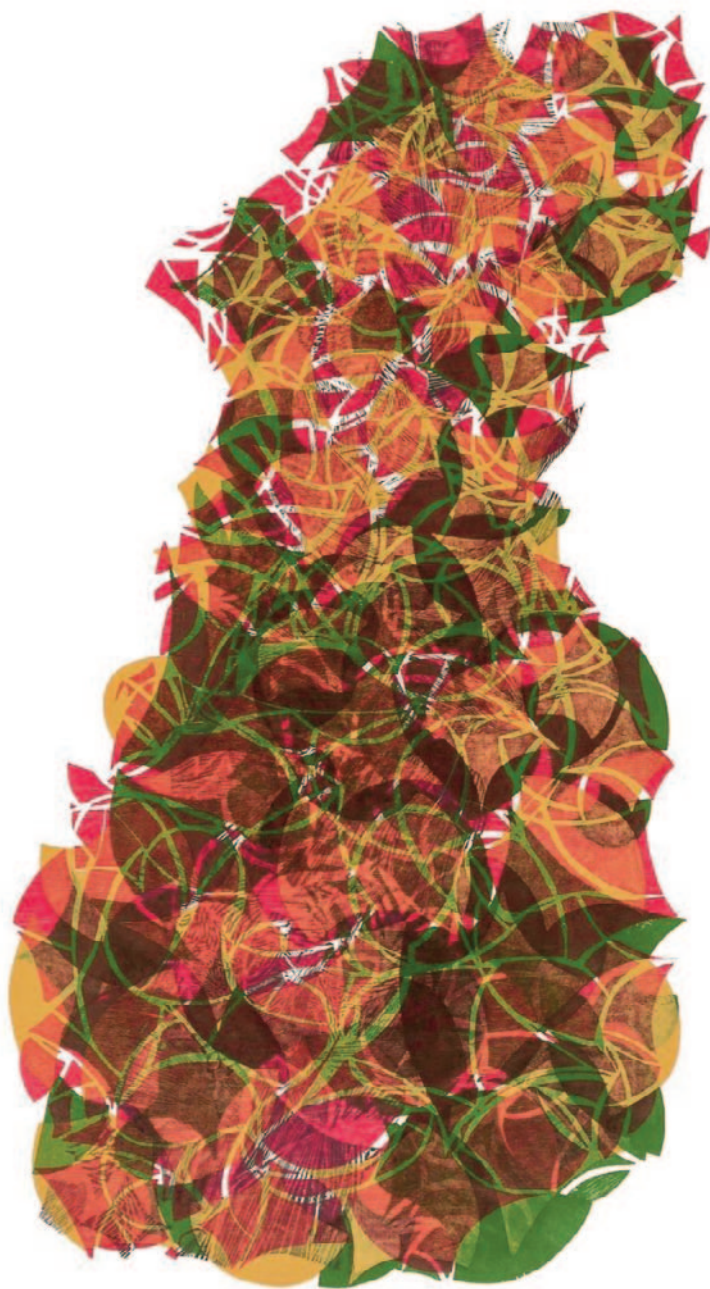
Foto: Divulgação



Exposição “A Montanha como Metáfora – ou o tempo”
obra de Breno de Sant’ana, *Fragmento II*, 2024

Foto: Divulgação

Atelier Maria Bonomi apresenta



MARIA BONOMI

A arte de amar,
a arte de resistir

Curadoria

Paulo Herkenhoff

Maria Helena Peres Oliveira

06/09 a 16/11 de 2025

abertura:

06/09 das 15h às 19h

Patrocínio exclusivo



Produção



Apoio



Realização



Centro Cultural do Patrimônio
Paço Imperial

Praça XV de Novembro, 48 Centro Rio de Janeiro

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868